



A ²⁹⁻¹ Liahona ^{janeiro} 1976



Pág. 7



Pág. 11



Pág. 20



Pág. 24

A ^{29/1} ^{janeiro} ¹⁹⁷⁶ Liahona

A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney

CONSELHO DOS DOZE

Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
Delbert L. Stapley
LeGrand Richards
Hugh B. Brown
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry

COMITÊ DE SUPERVISÃO

Robert D. Hales
O. Leslie Stone
Neal A. Maxwell
John E. Carr
Doyle L. Green
Dean L. Larsen
Daniel H. Ludlow
Verl F. Scott

EXECUTIVO DO INTERNATIONAL MAGAZINE

Larry Hiller, Editor Gerente
Carol Larsen, Editor Associado
Roger Gylling, Designer

EXECUTIVO DA "A LIAHONA"

José B. Puerta, Editor Responsável
José G. F. da Silva, Editor Nacional

1 A MENSAGEM, APENAS HOJE

Presidente N. Eldon Tanner

3 DAVEY MÃOS LIGEIRAS

Etta Lynch

7 TODA PRIMEIRA QUARTA-FEIRA

11 VALE A PENA ESPERAR...

J. M. Heslop

13 OS COMERCIANTES

14 CORRA PARA ENCONTRAR O SOL

Colleen Helquist

16 SÓ PARA DIVERTIR

18 DE UM AMIGO PARA OUTRO

20 TESTE SOBRE OS TEMPLOS MÓRMONS

Vicki H. Budge

21 AQUELES PÉS SOBRE A MONTANHA SÃO MEUS?

Derek Dixon

24 TRABALHADORES FIÉIS

Loren C. Dunn

27 PERGUNTAS E RESPOSTAS

John E. Carr, Dr. Paul R. Cheesman

30 ESTACAS EM SÃO PAULO REALIZAM SUAS CONFERÊNCIAS TRIMESTRAIS

José Glaiton F. da Silva

32 PERFIL DE UM LÍDER

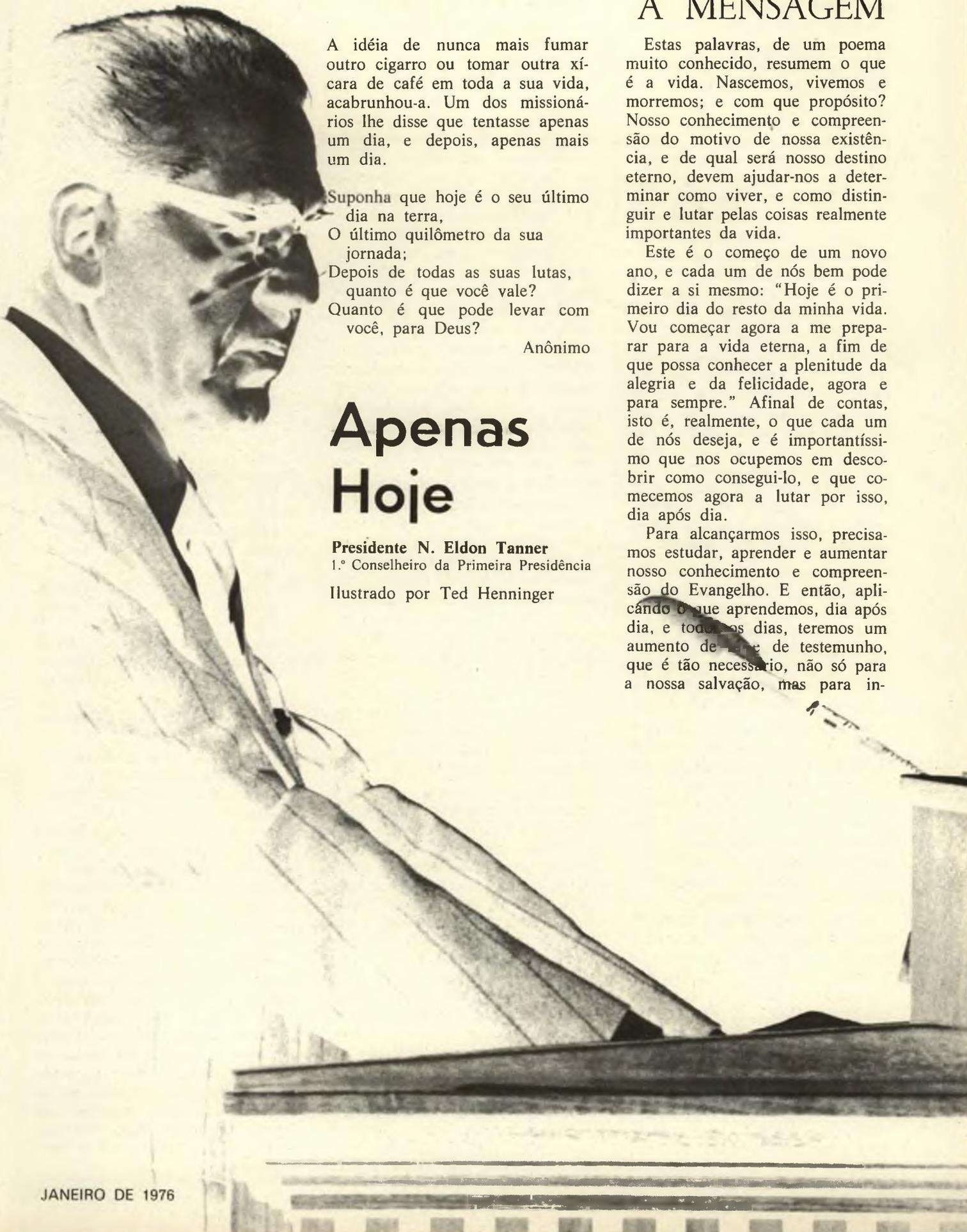
José B. Puerta

35 ORGANIZADO O PRIMEIRO QUORUM DOS SETENTAS

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o n.º 1151-P 209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 20,00; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea: US\$ 10,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 2,00; exemplar atrasado: Cr\$ 2,50. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — © 1976 pela Corporação da Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. "International Magazine" é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco, italiano e tonganês. Composta pela Linotipadora Cacique Ltda., R. Abolição, 201, telefone 32-7743. Impressa pela Editora Gráfica Lopes, R. Peribeubú n.º 331, telefone 276-8222, São Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.



A MENSAGEM

A idéia de nunca mais fumar outro cigarro ou tomar outra xícara de café em toda a sua vida, acabrunhou-a. Um dos missionários lhe disse que tentasse apenas um dia, e depois, apenas mais um dia.

Suponha que hoje é o seu último dia na terra,
O último quilômetro da sua jornada;
Depois de todas as suas lutas, quanto é que você vale?
Quanto é que pode levar com você, para Deus?

Anônimo

Apenas Hoje

Presidente N. Eldon Tanner
1.º Conselheiro da Primeira Presidência
Ilustrado por Ted Henninger

Estas palavras, de um poema muito conhecido, resumem o que é a vida. Nascemos, vivemos e morremos; e com que propósito? Nosso conhecimento e compreensão do motivo de nossa existência, e de qual será nosso destino eterno, devem ajudar-nos a determinar como viver, e como distinguir e lutar pelas coisas realmente importantes da vida.

Este é o começo de um novo ano, e cada um de nós bem pode dizer a si mesmo: "Hoje é o primeiro dia do resto da minha vida. Vou começar agora a me preparar para a vida eterna, a fim de que possa conhecer a plenitude da alegria e da felicidade, agora e para sempre." Afinal de contas, isto é, realmente, o que cada um de nós deseja, e é importantíssimo que nos ocupemos em descobrir como consegui-lo, e que comecemos agora a lutar por isso, dia após dia.

Para alcançarmos isso, precisamos estudar, aprender e aumentar nosso conhecimento e compreensão do Evangelho. E então, aplicando o que aprendemos, dia após dia, e todos os dias, teremos um aumento de fé e de testemunho, que é tão necessário, não só para a nossa salvação, mas para in-

fluenciarmos a vida daqueles a quem amamos, daqueles com quem desejamos repartir nossa felicidade e nossas bênçãos.

Lembre-se sempre de que o Evangelho tem por objetivo ensinar como devemos conduzir-nos, para o benefício de nossos assuntos espirituais e temporais. Não é suficiente freqüentar a Igreja, participar do sacramento, tomar parte em discussões religiosas, para depois nos mostrarmos surdos às necessidades de nossas famílias, de nossos vizinhos ou de nossas comunidades, ou ainda, ser desonestos ou inescrupulosos em nosso procedimento para com eles.

Nem tampouco é suficiente ser um bom e honrado cidadão, contribuir para instituições de caridade, servir em comitês municipais, e, de uma forma geral, viver uma boa vida cristã. Embora louvável, isso não é suficiente para qualificar uma pessoa para a plenitude da alegria e para a vida eterna, que nosso Pai Celestial prometeu àqueles que o amam e guardam os seus mandamentos.

Recordamos aqui o registro es-
criturístico de um homem que perguntou ao Salvador:

“Bom Mestre, que bem farei, para conseguir a vida eterna?”

E ele disse-lhe: ... Se queres, porém, entrar na vida, guarda os mandamentos.” (Mat. 19:16-17.)

As Escrituras dizem, muitas e muitas vezes, o que são os mandamentos, e que um requisito para a vida eterna, ou para viver com Deus, é o batismo pela autoridade apropriada, na sua Igreja e reino. Quando somos batizados, e nos tornamos membros da verdadeira Igreja, aceitamos as responsabilidades dessa associação.

Somos admoestados a aprender nossa obrigação e agir no ofício para o qual somos designados, e se não o fizermos, não seremos considerados dignos de permanecer. (Veja D&C 107:99-100.)

Se fomos chamados apropriadamente para um cargo na Igreja, nossos deveres nos foram explicados pela autoridade que nos chamou. Se não possuímos uma posição de liderança, somos igualmente importantes como membros leigos, e ainda temos um dever a

cumprir, freqüentando nossas reuniões e fortalecendo uns aos outros através de nossa fé e de nosso testemunho.

Como nos conservarmos no caminho certo, que nos dirige à realização de nossos objetivos e eventual vida eterna? Somente através da autodisciplina e do arrependimento diário dos velhos hábitos ou fraquezas, que nos impedirão de alcançar o potencial e o destino que Deus nos proporcionou. Sabemos que precisamos lutar constantemente para obter qualquer coisa valiosa nesta vida. Antes de participar de um torneio de golfe, o jogador treina, hora após hora, uma tacada simples.

Músicos, artistas, oradores públicos — todos devem trabalhar e praticar para se tornarem competentes. Quão mais importante é para nós, prepararmos-nos para fazer o trabalho de nosso Pai Celestial, que nos colocou aqui para um sábio e glorioso propósito.

Refletindo sobre o valor da resolução de melhorar, decidamos usar de uma autodisciplina, no sentido de selecionar cuidadosamente as resoluções futuras, considerar nosso propósito ao tomá-las, e, finalmente nos comprometemos a cumpri-las, sem permitir que qualquer obstáculo nos detenha. Vamo-nos lembrar, no início de cada dia, de que podemos cumprir uma resolução, apenas naquele dia. Fazendo assim, torna-se cada vez mais fácil, até que se transforma num hábito.

Conheci uma jovem a quem foi ensinado o Evangelho, e que desejava ser batizada, mas que tinha problemas para seguir a Palavra de Sabedoria. Ela fumava e tomava café, e a idéia de nunca mais fumar outro cigarro, ou tomar outra xícara de café em toda a sua vida, acabrunhava-a. Um dos missionários incentivou-a a tentar apenas um dia, e depois, apenas mais um dia. Ela descobriu que, fazendo-o um dia de cada vez, ela conseguia, e logo foi batizada. O mesmo método pode ser aplicado na substituição de um mau hábito por um bom.

A maior bênção que uma pessoa pode gozar nesta vida, é estar à noite com uma consciência tranqüila, sabendo que viveu aquele

dia de acordo com os ensinamentos do Salvador, e que cumpriu o trabalho a ela designado.

E assim chegamos ao início de mais um ano, o primeiro dia do resto de nossas vidas. Com disciplina e determinação, vamos fazer deste um bom ano, com uma vida satisfatória não só para nós, mas para nossas famílias e vizinhos. É bom começar cada novo dia com resoluções como as que seguem, ou com outras de sua própria escolha:

APENAS HOJE

Buscarei meu Pai Celestial em fervorosa oração.

Darei ouvidos às sugestões do Espírito para me guiar.

Expressarei meu amor a Deus e a seu filho, Jesus Cristo, em oração, e **mostrarei** meu amor a eles, ajudando meu próximo. Estudarei e esforçar-me-ei para compreender melhor o Evangelho.

Buscarei primeiro o reino de Deus e a sua justiça.

Ouvirei e seguirei os conselhos do profeta de Deus.

Guardarei os convênios e mandamentos.

Ensinarei o Evangelho a alguém, seja por preceito ou por exemplo.

Obedecerei aos padrões da Igreja. Expressarei, através de palavras e ações, meu amor a minha família.

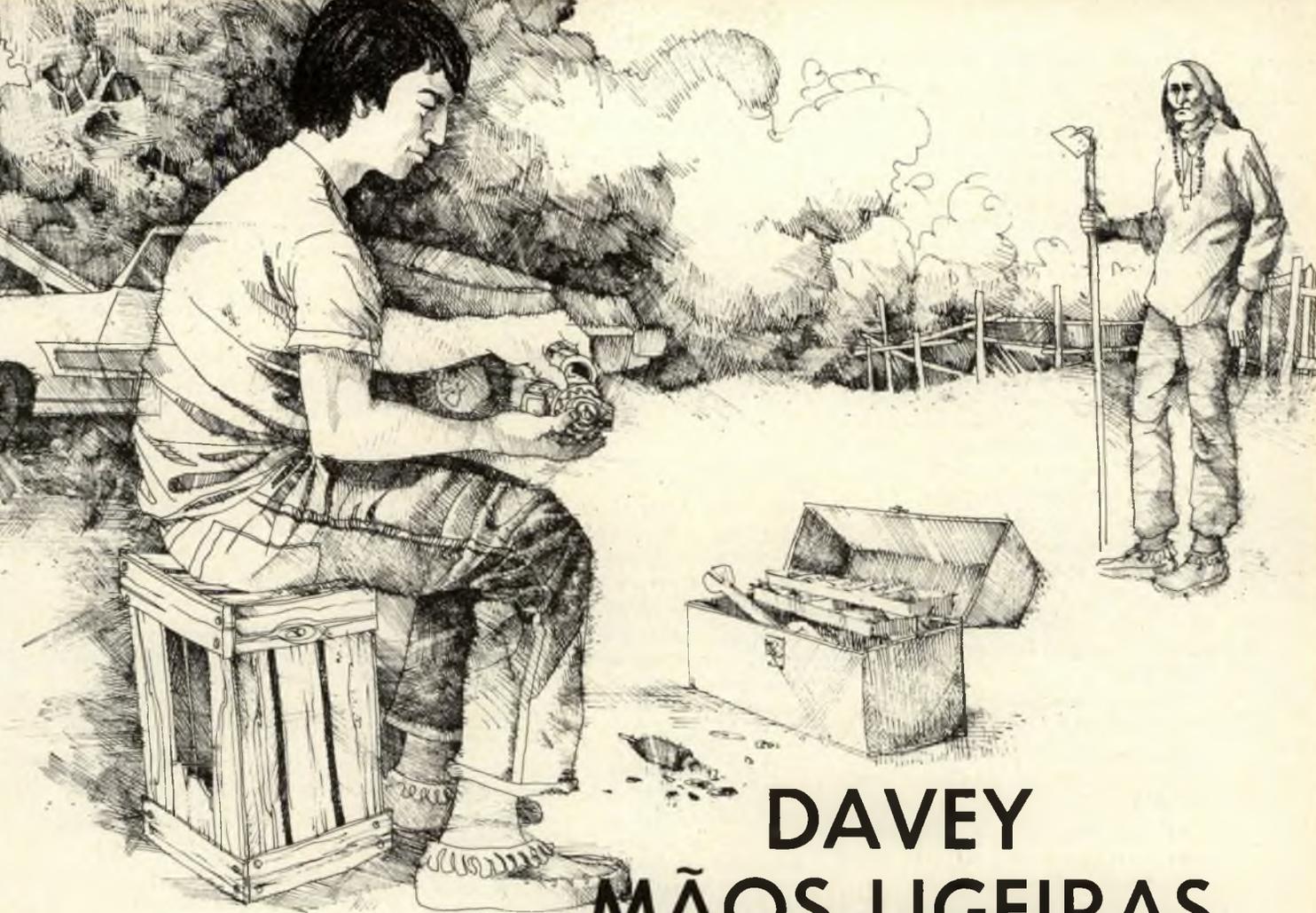
Serei honesto em todas as minhas transações.

Preparar-me-ei para as tarefas que me foram designadas.

Praticarei um ato de bondade para alguém.

Expressarei meu reconhecimento e gratidão por todas as bênçãos. Serei leal onde devo ser leal.

Finalmente, nada podemos fazer de melhor do que seguir as resoluções encontradas na 13.^a Regra de Fé: “Cremos em ser honestos, verdadeiros, castos, benevolentes, virtuosos, e em fazer o bem a todos os homens; na realidade, podemos dizer que seguimos a admoestação de Paulo — Cremos em todas as coisas e confiamos em todas as coisas, temos suportado muitas coisas e confiamos na capacidade de tudo suportar. Se houver qualquer coisa virtuosa, amável, ou louvável, nós a procuraremos.”



DAVEY MÃOS LIGEIRAS

Etta Lynch

David Mãos Ligeiras, de dezenove anos, e sua família, viviam a vinte quilômetros de Norman, em Oklahoma. Davey, um índio Comanche, estava trabalhando no motor de seu velho carro. O portão da horta abriu-se atrás dele, e seu avô aproximou-se. Oscar Mãos Ligeiras, seu avô, havia vivido muitos anos no mundo dos brancos. No entanto, ainda falava Comanche. Ainda usava seus cabelos grisalhos até os ombros. Calçava também mocassins franjados. Ocasionalmente, seus filhos o obrigavam a usar um terno, mas seus sapatos de couro preto nunca tinham sido calçados.

Um automóvel saiu da estrada, entrando pelo caminho que levava à casa dos Mãos Ligeiras. "Vovô, temos problemas. É o tio Fred."

É mesmo. Mas problemas por quê? Tínhamos combinado que Fred viria buscar-nos para a festa de formatura."

David deu uma olhadela no relógio. "Está adiantado duas horas. Você sabe a reação dele, quando vê você cavando

terra, e eu sujo de graxa. Vou correndo lavar-me."

"Não!" Os dedos do avô agarraram o braço de David com mais força que se esperaria de um homem da sua idade. "Não deixe o irmão mais velho de seu pai fazer você correr e se esconder."

"Você também se esconde, vovô", disse David. "Quando o tio Fred nos vem visitar, você fica aqui fora no jardim, não lá dentro com ele. E ele é seu filho."

"O que você diz é verdade, jovem. Mas eu sou velho. Você é jovem. De qualquer forma, você precisa encaixar-se no mundo deles. Talvez não como o seu irmão, Johnny, mas de alguma forma. Para mim é muito tarde."

"Você só tem 71 anos, vovô; precisa ficar por aqui até que Jennie e eu nos casemos e lhe demos um bisneto."

O velho sorriu. "Por Jennie Pulo Comprido, talvez eu peça aos espíri-

tos que esperem um pouco para me levar."

Os dois sorriram, e então o velho ficou sério. "O que é que sua namorada sente a respeito de suas mãos cheias de graxa?"

"Ela quer que eu faça aquilo que me deixa feliz", respondeu David, confiantemente.

"Então é preciso achar um papel na vida para você, um papel que faça você e Jennie Pulo Comprido felizes, um papel que seu pai e sua mãe irão compreender."

"Impossível", disse David tristemente. "Você já ouviu como eles me amam a respeito da minha ida para a faculdade. Você sabe como eu tive que dar duro para terminar o secundário. Eu não terminaria nem o primeiro ano da faculdade. Mas os pais de Jennie querem que ela se case com alguém que tenha diploma universitário!"

O velho caminhou vagarosamente até a cadeira de encosto reto, sob a árvore, e sentou-se. "O nome de nossa tribo era Ligeiros-com-as-Mãos, meu jovem. Seus antepassados mataram búfalos e fizeram flechas mais rapidamente do que quaisquer outros guerreiros. Suas mãos são ainda mais ligeiras e seguras do que as deles. Você encontrará um jeito."

"Espero que você esteja certo." David acenou e sorriu para o seu tio Fred que saía do carro, mas o sorriso era forçado. David zangava-se com aqueles que o julgavam. Voltou ao seu trabalho no carro, escolheu uma gaxeta na pilha desordenada de peças usadas. Sua família constantemente reclamava de feiura daquela pilha.

De repente, seu pai apareceu à porta. "Davey!", chamou. "Quer fazer o favor de vir aqui?"

"Claro." David andou rapidamente em direção a seu pai, diminuindo o passo ao aproximar-se dele. "O que você quer?"

"Venha lavar as mãos. Tio Fred quer falar com você."

David hesitou. "Não posso lavar-me depois de terminar o trabalho no meu carro?"

Seu pai olhou para as suas mãos sujas e ficou carrancudo. "Eu acho melhor você fazê-lo agora."

David tentou tirar toda aquela graxa preta, e entrou na sala. Seu pai, sua mãe e o irmão Johnny estavam com o tio Fred, mas quando David entrou, pararam de falar, David falou com o tio, desajeitadamente: — "Como vai, tio Fred?"

O grande Comanche ergueu-se. Ele era 15 cm mais alto do que David. Seu terno preto estava impecável. "Bem, David, seu pai disse que levaria algum tempo para você se livrar de toda aquela graxa."

"Sim, senhor, leva", disse David, tenso. "Papai disse que o senhor queria falar comigo."

"É, sobre a faculdade, Davey. Seu pai achou que talvez eu pudesse influenciar você, uma vez que eu tive um relativo sucesso. Você sabe, naturalmente, que sem um diploma, eu não estaria ganhando um ordenado tão bom."

David respondeu, na defensiva: "Mas nem todo mundo se adapta a uma faculdade."

"Isso é verdade. Mas você é índio. Precisa do benefício de uma educação universitária. Olhe para o seu avô, cavando terra. Se tivesse estudado, poderia ainda ser útil aos 71 anos."

"Ele é útil. Ele planta alimentos."

"Mas ele não ganha dinheiro."

"Se ganhar muito dinheiro é a medida, acho que nenhum de nós é útil," disse David teimosamente.

"A questão é esta: Você quer ser como seu pai, que vai fazer o discurso de formatura na faculdade onde ele ensina, ou como seu avô, cavando a terra?"

Por alguns momentos David controlou sua raiva, e depois disse tranquilamente: "Posso pensar em coisas piores do que plantar verduras, tio Fred."

Davey, Fred tem razão", disse seu pai. "Você quer passar o resto de sua vida tirando graxa das suas unhas? Olhe para as suas mãos. Devemos estar na universidade dentro de pouco tempo, e não há maneira de você tornar suas mãos apresentáveis."

Instintivamente, David encolheu os dedos, escondendo as unhas. "Essa é uma forma suave de dizer que tem vergonha de mim!"

"Eu não disse isso!" protestou o pai.

"Você não precisa dizê-lo, papai." David olhou de seu pai para sua mãe, depois olhou para seu irmão Johnny, que examinava suas próprias unhas imaculadas. Todos estavam contra ele. "Vocês têm medo de que eu não seja como Johnny. Vocês podem gabar-se de seu lugar na faculdade e de seu grande futuro, mas têm medo de que eu chegue a ser apenas um trabalhador comum. E estão envergonhados."

Imediatamente ele desejou não ter dito essas palavras. Desejou que alguém negasse o que ele dissera. Cada um deles olhou para alguma outra coisa, deixando-o com a sua verdade e a sua solidão.

Sua mãe levantou-se, com um sorriso forçado. "Vamos comer, para que eu possa lavar a louça antes de sair."

"Eu não vou." Anunciou David.

"Não vai!" disse seu pai, chocado. "Você não fala sério!"

"Falo, sim," disse David, com ênfase. "Se minhas mãos manchadas os embaraçam, não irei, para não envergonhá-los."

Sua mãe reprovou-o, gentilmente. "Davey, não fale assim. Não foi nossa intenção..."

"Foi, sim, mãe." Ele saiu da sala sem olhar para trás, e encaminhou-se para a horta. Jamais em sua vida se sentira tão sozinho. Começou a trabalhar no seu carro. Momentos depois, sua mãe gritou-lhe da porta:

"Davey!" Jennie chegou!"

Apesar do seu humor sombrio, David sorriu antecipando o encontro com a namorada, e caminhou rapidamente para a casa.

"Jennie está com seu avô," disse a mãe. "E ela está muito bonita. Você se esqueceu de que prometera ir com ela?"

"Não se preocupe, mamãe. Se alguém pode entender por que eu não quero ir, essa pessoa é Jennie."

Deixando sua mãe perplexa, no vestíbulo, entrou na sala. O avô estava sentado em sua cadeira predileta, com as mãos cruzadas entre os joelhos, Jennie estava sentada no sofá, usando um lindo vestido amarelo. Fez David lembrar-se de uma margarida amarela. Dando uma olhadela no relógio, em seu esbelto braço moreno, ela espantou-se.

"É melhor vocês dois se apressarem. Eles não podem começar sem a família Mãos Ligeiras."

David suspirou profundamente, e disse-lhe: "Eu não vou."

"Isso é loucura!" Jennie levantou-se rapidamente. "Seu pai é o orador!"

"Não se preocupe. Estou fazendo um favor a ele."

Pela primeira vez, desde que David entrara na sala, seu avô falou.

"Qual o problema, jovem?"

"Eles têm vergonha de mim, como os pais de Jennie, porque eu prefiro consertar um carro do que ir para a universidade." David deixou-se cair numa cadeira próxima e fixou o espaço, sombriamente. "Jennie, você e vovô, vão. Eu já ouvi o discurso de papai um milhão de vezes, quando ele treinava com a mamãe."

"Não é esse o ponto! Toda a sua família vai estar junta, e todo mundo vai falar de você, se não estiver no seu lugar."

"Eu não tenho nenhum lugar."

O avô levantou-se e endireitou os ombros, que se tinham curvado não tanto pela idade, quanto pela derrota. Por um momento viu-se um lampejo do jovem guerreiro Comanche, da vontade indomável que ele tivera outrora.

"Se não há lugar para o meu neto," disse majestosamente, "então não há lugar para mim." E pegando sua enxada, atrás da porta, o velho voltou para a sua horta.

Jennie suspirou longa e desesperadamente. "Agora, veja o que você fez. Você sabe quão orgulhoso ele está."



porque seu pai vai fazer o discurso da formatura. Você sabe o quanto ele deseja ouvi-lo."

"Não sei, não." disse, David, não recuando de sua posição. "Eles o ridicularizam por causa de sua horta, da mesma forma que fazem comigo por causa de minhas mãos cheias de graxa."

"Você é tão ruim quanto eles, David Mãos Ligeiras. Você não quer ser visto em público com seu avô quando ele está usando seus mocassins e camisa comanche."

"Isso é diferente. Eles não o amam. Eu, sim."

"Ah, entendi. Quando você ama alguém, você se envergonha de levá-lo a algum lugar."

"Isso não é justo."

"Você se envergonha, porque ele lembra as velhas maneiras dos comanches. Bem, isso é pior do que seus pais e os meus terem vergonha de você, por você trabalhar com suas mãos. Se esta é a maneira como você trata as pessoas que ama, estou pensando se devemos mesmo casar-nos."

"Se você não me compreende melhor do que isso," gritou David, "talvez seja melhor, mesmo, nós não nos casarmos!"

"Se eu vou ter de ir sozinha a alguns lugares, porque meu marido deixa que os outros o subestimem, talvez tenha

sido bom descobrir isso a tempo." Ela saiu zangada, batendo a porta.

Sozinho e sem ação, David sentiu-se muito desapontado. De todas as pessoas, ele havia esperado que ela compreendesse. Depois de algum tempo voltou para o quintal, encontrando o velho à sombra do carvalho, apoiado em sua enxada e contemplando o passado.

"Vovô, você deve ir. Não há razão para você ficar em casa, só porque eu tive uma briga com meus pais!"

"Eu vou ficar," suspirou o velho.

O som de passos interrompeu-os. O pai de David aproximou-se. "David," começou ele, hesitante, "O carro de Fred não quer dar partida."

"Estava funcionando muito bem quando chegou. O que, foi que aconteceu?"

"Não quer pegar. Nós estamos quase atrasados, e são 20 quilômetros daqui até a cidade. Você pode dar uma olhadela?"

O primeiro impulso de David foi rir. Seu segundo impulso foi recusar-se e deixá-los sofrer. Mas ele reprimiu ambos, permitindo apenas que um sorriso de satisfação aparecesse em seu rosto, enquanto se levantava. "Vou pegar minhas ferramentas."

Carregando a caixa de metal das ferramentas, David encaminhou-se vagarosamente para o carro, com seu pai e avô seguindo atrás dele. Ele abriu o

capô do carro reluzente, e disse a seu tio que apertasse o acelerador. Após verificar vários itens à volta do motor, ergueu uma peça quebrada.

"O que é isso?" perguntou seu pai, curioso.

"Um rotor quebrado."

"Você pode consertá-lo?"

David segurou uma risada. "Você não conserta um destes. Você o troca."

"Mas como? Onde encontraremos outro?"

"Vou olhar no meu monte de peças." David foi até a garagem e remexeu em dezenas de peças usadas. Finalmente encontrou um rotor, voltou correndo até o carro de seu tio e colocou-o. Seu tio deu partida e o carro pegou.

"Obrigado," o pai de David sorriu, agradecido. "Você poderia ignorar a estupidez de seu pai e ir para a cidade no seu carro? Seu avô apreciaria muito."

David desejava dizer que iria, mas uma teimosia segurou as palavras que diminuiriam o embaraço de seu pai.

"Talvez." Ele olhou para o motor do carro, não desejando encontrar os olhos suplicantes de seu pai.

Novamente o pai olhou para o relógio. "Precisamos ir. Obrigado novamente, filho."

David e o avô ficaram olhando o carro, até ele desaparecer na estrada. Com um sorriso amargo, David disse: "Eles zombam de mim por ter graxa nas mãos. Depois, vêm-me pedir para consertar seus carros."

"Está certo que você fique zangado, meu jovem. Sem você, meus filhos-que-conhecem-muitos-livros ainda estariam sentados aqui no seu belo carro. É bom ser convidado para falar a muitas pessoas, num lugar grande e agradável. Mas também é bom saber como chegar a esse lugar."

Alguma coisa melancólica na voz de seu avô sacudiu David. "Você gostaria de ir, não gostaria vovô?"

"Não é importante."

"Mas você gostaria de escutar o discurso de papai, e ver toda aquela gente ouvindo-o, não gostaria?"

O velho hesitou. "Eu posso imaginá-los," disse finalmente.

"Vamos correr e trocar de roupa. Chegaremos atrasados, mas entraremos em silêncio e sentaremos bem atrás."

"Preciso usar a roupa preta que detesto?"

"Use o que quiser. O homem-que-trabalha-com-suas-mãos acaba de encontrar o seu papel."

Quarenta minutos mais tarde, eles entraram no auditório da universidade, onde o presidente estava apresentando o pai de David. Durante a onda de aplausos, David levou o avô em direção aos assentos da última fila do auditório. Diversas pessoas olharam para a camisa franjada, de comanche, do velho. David sentiu-se envergonhado. Era por causa disso que detestava levar seu avô a qualquer parte.

Ignorando o discurso que já ouvira seu pai ensaiar em casa, David procurou Jennie. Ela estava sentada com sua família. Do outro lado, na parte central, encontrava-se sua mãe, sentada entre Johnny e tio Fred. Ao lado deles, duas cadeiras vazias — para David e seu avô.

De repente, o avô apontou para o palco. David olhou para ele inexpressivamente, e então voltou sua atenção rapidamente para o pai.

"...a pessoa verdadeiramente instruída," seu pai estava dizendo, "compreende que há muitos tipos de instrução, alguns não encontrados nos livros. Para aqueles que têm fome de

conhecimento acadêmico, um diploma pode ser a resposta. Nós todos apreciamos os eruditos inteligentes que saem das universidades."

David endireitou-se na cadeira. Ele nunca ouvira isso, antes.

"Mas também necessitamos de outros tipos de conhecimento." A voz de seu pai era baixa, mas clara. "Nossa civilização depende de máquinas. Aqueles com diplomas universitários precisam de gente para consertar seus encanamentos, suas geladeiras e seus carros."

David olhou entusiasmado para o seu avô. Isso era maravilhoso!

"Há beleza e dignidade no trabalho manual," continuou seu pai. "Porque os índios cavaram a terra, nós temos batatas, tomates, milho, amendoim, abacates e muitas outras coisas. E mesmo assim, se as unhas de um homem estão quebradas e cheias de graxa, o mundo acadêmico o menospreza. Mas, se esse homem é competente no seu trabalho, devemos arranjar um lugar para ele, e reconhecer nossa dívida para com ele e o seu conhecimento. Sem isso, nossa civilização não pode sobreviver."

"Venha, vovô" cochichou ele. "Nosso lugar é lá na frente, com a família."

O velho levantou-se, os ombros não mais curvados na derrota, mas eretos e orgulhosos. David seguiu-o, controlando seu impulso de tomar o braço do avô. Este era o dia dele, também. Que ele ande ereto e orgulhoso, e sem ajuda. Juntos e com dignidade, dirigiram-se às duas cadeiras vazias ao lado da família. Suas cabeças estavam erigidas, conscientes de que todos se viravam para vê-los passar.

O pai de David parou de falar, esperando, com os outros. O silêncio não era perturbador, mas respeitoso.

Ao chegarem aos lugares vazios, David deixou que o velho o precedesse, e depois sentou-se e sorriu para sua mãe. Os olhos negros dela estavam cheios de lágrimas. Ele olhou para o palco. Seu pai sorriu com evidente amor e orgulho.

Houve ainda mais, e tudo maravilhoso. Quando a cerimônia terminou, Jennie atravessou a multidão e veio para o seu lado, sorrindo com os olhos nos dele. E então os pais dela apertaram a mão de David. Ben Pulo Comprido chamou-o de "meu filho," e nada podia significar mais do que isso.





Embora Bart seja o companheiro júnior, ele assegura-se de que seu companheiro sênior vai estar pronto para sair na hora combinada, e que não há problemas. Geralmente os companheiros sênior são homens muito ocupados, e no seu trabalho com os companheiros júnior, apreciam a ajuda destes na verificação de compromissos. O companheiro de Bart esqueceu-se apenas uma vez, mas largou tudo quando Bart lhe lembrou, e assim se atrasaram apenas alguns minutos naquela noite.

Toda Primeira Quarta-feira

Fotos de Eldon Linscheten

O chamado para ser mestre familiar é muito importante para Bart Hales. E no cumprimento do seu dever, Bart tenta seguir o conselho do Presidente Romney:

“O dever de servir como mestre familiar é inerente à aceitação da ordenação ao Sacerdócio de Melquisedeque, e aos graus de Sacerdote e Mestre no Sacerdócio Aarônico... Servir como mestre familiar é um dos trabalhos através dos quais os portadores do Sacerdócio engrandecem seu chamado e qualificam-se para a grande promessa de que ‘...aqueles que forem fiéis... e magnificam os seus chamados, são santificados pelo Espírito para a renovação de seus corpos,’ e os portadores (que) magnificam seus chamados... qualificam-se para a grande promessa de que se tornam membros da ‘igreja e reino, e os eleitos de Deus.’” (Church News, 19 de abril de 1969, pág. 16.)

Bart Hales magnificou seu chamado, e, por tê-lo feito, ele próprio cresceu muito. O que é um bom mestre familiar, e quais as qualidades necessárias? Vamos fazer visitas com Bart e seu companheiro, e ver.



Bart e seu companheiro alternam-se cada mês para dar as lições. Bart se prepara para a responsabilidade de dar a mensagem, estudando e orando.

O companheiro sênior de Bart mora perto dele, e o apanha em frente à sua casa. Atualmente, Bart e seu companheiro visitam duas famílias, e morando elas longe, os dois vão de automóvel. As famílias esperam Bart e seu companheiro na primeira quarta-feira de cada mês, a menos que combinado de outra forma. Este dia predeterminado é conveniente tanto para as famílias quanto para os mestres familiares.

Bart diz que o ensino familiar serve a dois propósitos principais: primeiro, verificar como vai a família, no que se refere a doenças e necessidades básicas da vida, e, depois, transmitir a mensagem do Evangelho da forma desejada pelo presidente e profeta da Igreja.



Bart preocupa-se em ter uma boa aparência quando vai fazer as visitas. Ele sabe que paletó e gravata não são indispensáveis à qualidade do seu espírito, mas o seu uso demonstra às famílias visitadas que ele considera aquela designação uma responsabilidade especial.



Bart cumprimenta calorosamente seu companheiro sênior. Bart sabe que ele é um homem muito ocupado e aprecia o tempo que passam juntos. Talvez você até o reconheça. O companheiro de Bart é o Presidente N. Eldon Tanner, da Primeira Presidência da Igreja. Bart acha que, se o Presidente Tanner tem tempo para fazer suas visitas, não existe ninguém, em lugar nenhum, que não encontre tempo para ser um bom mestre familiar.



O presidente Tanner e Bart visitam a família Snow em primeiro lugar. Na sua lição, Bart relata a morte prematura de um jovem que vivia na sua ala. Bart diz aos Snows, que, no funeral, o bispo disse que esse jovem estava realmente preparado para enfrentar a morte. Na mensagem de Bart ele sugere que nós todos devemos estar preparados e prontos para a morte, porque, na verdade, não sabemos quando ela virá.

Bart diz que ser companheiro do Presidente Tanner, como mestre familiar, tem sido não só uma grande oportunidade, mas também uma grande responsabilidade. Bart sabe que ele deve ser um bom exemplo para os outros.



O Presidente Tanner e Bart também visitam os Gearys. Ser mestre familiar com o Presidente Tanner tem sido uma experiência cada vez melhor para Bart, e ele nunca se esquecerá da grande importância de visitar os santos, para abençoar suas vidas, pois sabe que leva o Espírito de nosso Pai Celestial a suas casas.

“Pois aquele que recebe os meus servos, a mim me recebe;
“E aquele que me recebe a mim, recebe o meu Pai;
“E aquele que recebe o meu Pai, recebe o reino de meu Pai; portanto, tudo que meu Pai possui ser-lhe-á dado.” (D&C 84:36-38.)

Bart diz que o Presidente Tanner com frequência pergunta aos jovens de sua ala, se eles sabem que o Evangelho é verdadeiro. Isto, realmente, faz com que os jovens parem e pensem.

VALE A PENA ESPERAR...

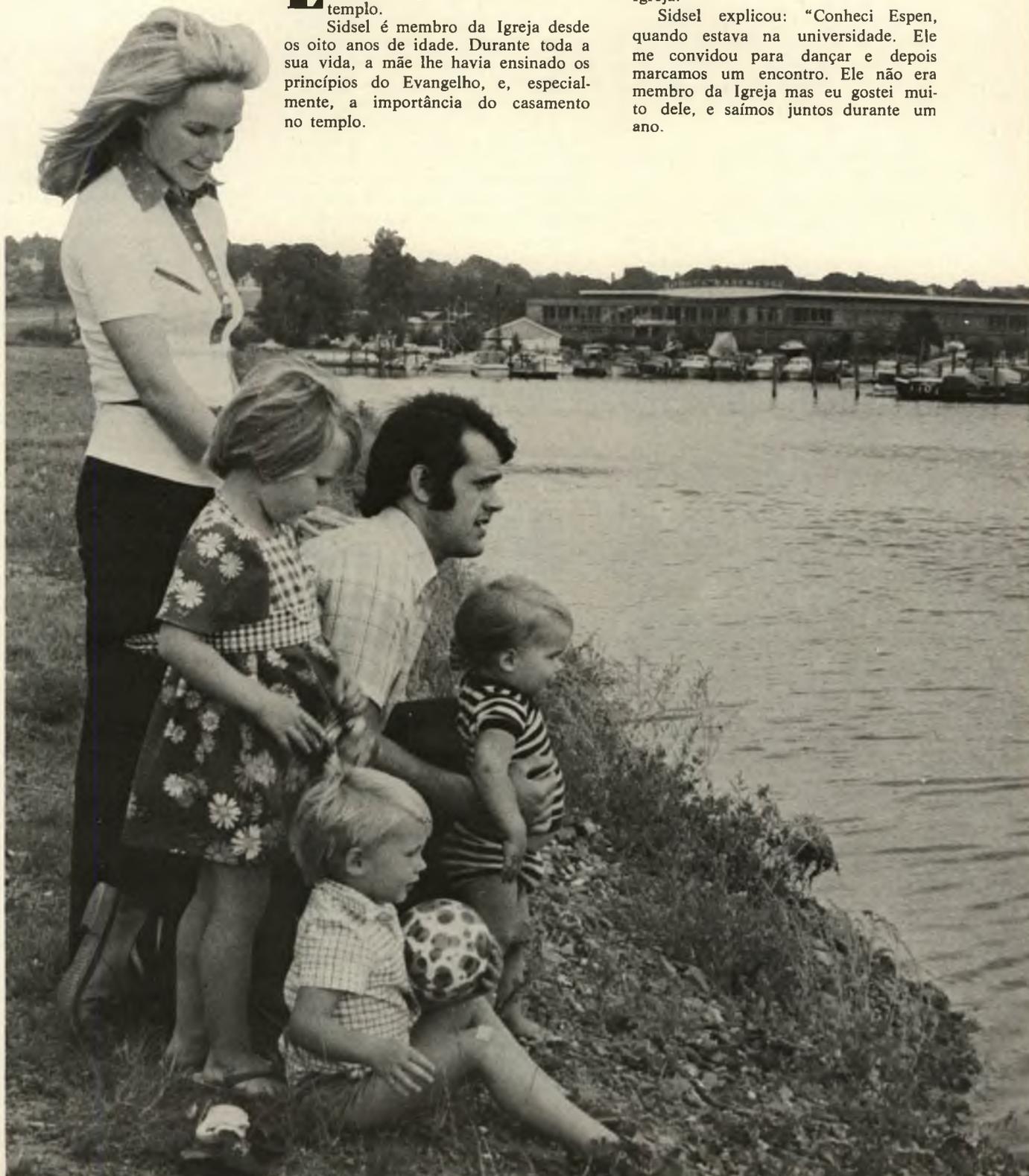
J. M. Heslop

Embora Sidsel amasse o belo e jovem Espen Amundsen, não queria casar-se com ele, até que soubesse que poderiam ir ao templo.

Sidsel é membro da Igreja desde os oito anos de idade. Durante toda a sua vida, a mãe lhe havia ensinado os princípios do Evangelho, e, especialmente, a importância do casamento no templo.

Mas não é sempre fácil para as jovens da Noruega conhecer e namorar rapazes que sejam membros da Igreja.

Sidsel explicou: "Conheci Espen, quando estava na universidade. Ele me convidou para dançar e depois marcamos um encontro. Ele não era membro da Igreja mas eu gostei muito dele, e saímos juntos durante um ano.



"Falei-lhe sobre a Igreja desde o começo. Ele achou muito bom que eu fosse religiosa. Ia à Igreja comigo, mas não achava que era para ele."

Ele acrescentou: "Ela me disse que se casaria somente com alguém que possuísse o Sacerdócio. Eu não sabia se ela falava sério, mas a amava. Tinha certeza de que poderia convencê-la a casar-se antes, e tratar da religião depois:

"Fui para a escola, na Inglaterra, após um ano de namoro. Eu a via nos feriados e nos correspondíamos. Ela nunca concordava em se casar, sem ter certeza de que seria no templo. Isso era uma coisa que eu não compreendia."

O namoro de verão continuou por quatro anos.

"Parecia que nunca daria certo. Eu havia orado acerca de Espen. Amava-o muito, mas sabia o valor de um casamento no templo, e não me contentaria com menos. Depois de quatro anos, disse-lhe que seria melhor terminarmos. Saí com outros, e não nos vimos durante todo o verão.

"Naquele verão, fui ao templo da Inglaterra com minha mãe. Fiz batismos pelos mortos. Enquanto estava lá,

coloquei o nome de Espen na lista de orações", disse ela.

Ele saiu com outras moças durante o verão, mas nenhuma parecia ser a certa.

"Senti muita saudade de Sidsel", disse ele. "Achei que deveria telefonar-lhe e descobri que ela acabara de voltar da Inglaterra. Pedi para vê-la, e concordei em começar a estudar sobre a Igreja.

"Nós nos vimos somente três vezes, pois já era hora de voltar à Inglaterra para o meu último ano na escola. Foi em Leicester, na Inglaterra, que entrei em contato com os missionários. Descobri onde ficava a Igreja Mórmon e fui dar uma olhadela. Um jovem da minha idade estava perto da porta. Perguntei-lhe: "A que horas começa a reunião da igreja?" Ele sorriu e respondeu: 'Dentro de alguns minutos. Vamos entrar juntos.'

"Comecei a tomar lições com os missionários, mas não contei nada a Sidsel. Fiz como os missionários pediram, jejei e orei.

"Não parecia receber nenhuma resposta às minhas orações. Continuei a orar, comprometendo-me, decididamente, a seguir as sugestões da resposta.

Foi então que ela veio. Eu sabia que a Igreja era verdadeira." Disse Espen.

Sidsel também estava orando.

"Recebi a certeza de que Espen iria tornar-se membro da Igreja", disse ela. "Eu trabalhava como aeromoça na Swedish Air Service, tirei uma folga e fui vê-lo na Inglaterra. Imaginem minha alegria, quando ele disse: "Amanhã vou ser batizado."

Era o sonho que se tornava realidade.

Sidsel e Espen casaram-se após quase cinco anos de namoro e espera. A irmã Amundsen tinha sido firme na sua convicção de se casar somente com alguém que pudesse levá-la ao templo.

Logo depois de seu casamento, irmão Amundsen foi chamado para o serviço militar. Depois de estar na Igreja um ano, conseguiu uma licença, e eles foram selados no templo.

"Nós estávamos tão felizes. Estávamos tão perto do Senhor, que eu senti como se ele nos dissesse: "Eu vos conheço."

Eles se estabeleceram em Oslo, e irmão Amundsen começou a trabalhar como representante têxtil. Dentro de um ano, ele tinha seu próprio negócio.

Há, agora, três crianças na família Amundsen. Eles passam muito tempo juntos, em atividades familiares.

Recentemente, quando o Presidente Gosta Berling, da Missão Noruega Oslo, chamou irmão Amundsen para ser presidente do Segundo Ramo de Oslo, ele não hesitou em aceitar a responsabilidade.

"Não tive escolha, porque minha bênção patriarcal diz que eu seria um líder. Eu sabia como o trabalho era grande, e fiquei pensando em como poderia cumpri-lo. Falando com minha esposa, lembramo-nos dos nossos convênios com o Senhor, no templo. Nós aceitamos", disse ele.

"A Igreja é o centro dos meus pensamentos. Cada vez que voltamos ao templo, surpreendemo-nos com coisas novas, e compreendemos a natureza eterna de nossa vida em comum", acrescentou ele.

"Sim", disse irmã Amundsen. "A Igreja nos ajuda a encontrar o melhor caminho para preencher as necessidades um do outro. É maravilhoso estarmos juntos. Nós somos uma família muito ocupada, e muito feliz."



Os Comerciantes



Era primavera, e as rubras montanhas arenosas, ao redor de Kanab, Utah, brilhavam ao sol quente. Os meninos estavam felizes que seu pai os tivesse enviado nessa pequena missão, ao acampamento índio, muitas milhas adiante do forte. Era divertido cavalgar os seus burrinhos através das artemísias cinza-esverdeadas, ao invés de estar capinando a horta, como teriam que fazer, se tivessem permanecido em casa.

Os meninos estavam levando um cavalo para ser trocado com os índios. Eles falavam pouco, cada um deles apenas apreciando as belezas do mundo ao seu redor, naquela suave manhã de primavera. Era bom estar vivo!

Um velho chefe navajo, chamado Frank, saiu para cumprimentá-los, quando os meninos entraram cavalgando no acampamento. No dia anterior, ele dissera ao pai dos meninos que desejava um bom cavalo, e, assim, estava esperando alguém chegar com um. O chefe Frank ajudou-os a desmontar, olhou rapidamente o cavalo que tinham trazido para troca, e apontou em direção a alguns cobertores, a pouca distância dali.

As cores e os desenhos dos cobertores eram especialmente bonitos, mas Jacob, de dez anos de idade, avisara seu irmão mais novo, Wálter, de que eles deviam agir como adultos, certificando-se de que a troca que fariam era vantajosa. Eles balançaram a cabeça, e Jacob disse ao chefe que ele precisaria dar mais pelo cavalo que haviam trazido.

O velho índio hesitou apenas um minuto, e depois trouxe duas mantas de búfalo e mais cobertores. Os meninos arregalaram os olhos diante da generosidade do homem, mas não disseram nada. Enrolaram as mantas e os cobertores, colocaram-nos sobre os

burros, e partiram para casa, cheios de orgulho por sua astúcia na troca.

O pai estava esperando, quando eles entraram no quintal. Seus olhos abriram-se de surpresa, quando levantou a pesada carga dos burros e desenrolou os cobertores, mas não disse nada. Examinou cuidadosamente os cobertores e as mantas, dividindo-os em duas pilhas. Os filhos esperavam que dissesse alguma coisa, mas ele trabalhou em silêncio. Ao terminar, enrolou com cuidado os cobertores que tinha posto em uma das pilhas, e disse aos meninos que devolvessem parte da sua troca.

O dia mostrara-se sombrio para Jacob e Wálter, ao cavalgarem de volta ao acampamento índio, imaginando de que forma poderiam explicar por que estavam lá. Mas o chefe Frank recebeu-os com um caloroso sorriso. Ele ergueu os braços idosos para receber o rolo de cobertores, e antes que qualquer explicação pudesse ser dada, disse: "Eu sabia que vocês voltariam. Seu pai é um homem honesto, e eu sabia que ele não ficaria com todos os cobertores. Ele cuida de nós. Ele é um pai para nós, também."

Subitamente, o dia primaveril parecia claro de novo, e mais lindo do que nunca, à medida que os meninos começaram a compreender que homem sábio e amado, seu pai, Jacob Hamblin, era na verdade.

NOTA: Em 1854, Jacob Hamblin (1819-1886) recebeu o encargo de estabelecer uma Missão Índia no sul de Utah. Foi ordenado apóstolo para os Lamanitas, a 15 de dezembro de 1876, em St. George, Utah, por Brigham Young, e ajudou a localizar e estabelecer colônias no sul de Utah, Arizona e Novo México.

Ainda estava escuro na cabana de terra, onde um menino navajo dormia, numa branca e macia cama de peles de carneiro. Ele não ouviu nada, até que a mão firme de seu avô o sacudiu gentilmente, e o som de sua voz alcançou-lhe os ouvidos.

“Acorde, Kee! Você precisa correr, antes que saia o sol.” Kee abriu os olhos cansados, vagarosamente, e encarou a face enrugada de seu avô. Ele não queria levantar-se tão cedo, mas não seria bom demonstrar desrespeito.

Sem uma palavra, sentou-se e vestiu um paletó de lã leve sobre a camisa xadrez e as calças de algodão. Ao abrir a pesada porta de madeira, o avô estendeu-lhe o bastão familiar.

Kee perscrutou a escuridão da manhã, quebrada somente por uma linha de luz, fina e torta, que delimitava o topo da mesa, à distância.

É tão, tão longe, pensou ele.

Com um impulso súbito, o menino índio disparou da cabana, passando a correr pelo curral, e depois atravessando a terra estéril. Ele mal podia enxergar os montes de artemísia, por cima dos quais pulava. Correndo cada vez mais rapidamente, seu coração batia alto sob a camisa. O vento frio da manhã repartia seus bastos e negros cabelos, à medida que ele corria, mais e mais, apertando o bastão na mão.

A mesa tornava-se cada vez mais nítida, agora com o sol levantando-se acima dela. Kee enchia-se de pasmo, quando via a beleza do nascer do sol, a cada dia. Juntando todas as forças, aumentou a velocidade. Ele não podia parar, agora, ainda estava tão longe. Os músculos de suas pernas esticavam-se e distendiam-se, à medida que ele corria, cada vez mais rápido. Seus olhos fixavam-se na linha do sol dourado, à sua frente, que estava cada vez mais alto, acima das formações de rocha vermelha, e então, de súbito, explodiu no céu. Era o início de um novo dia.

Ofegando fortemente, Kee diminuiu o passo e parou. Com um golpe poderoso, enterrou o bastão na terra, como testemunha de sua força. Somente então permitiu que seu corpo relaxasse. Atirou-se ao chão para descansar.

Olhando para as rochas vermelhas e pontudas, brilhando ao sol da manhã, ele quase podia ouvir as palavras que seu avô proferira tantas vezes:

“Todas as manhãs, você deve correr para encontrar o sol. Corra o mais depressa que puder, até não poder mais correr, e, então, plante um bastão na Mãe Terra. Suas pernas se tornarão cada vez mais fortes, até que um dia, você plantará o bastão ao pé da mesa. Então, você será um homem, meu filho.”

E assim, manhã após manhã, Kee havia corrido para saudar o novo dia, e cada vez chegava um pouquinho mais perto do horizonte.

Será que algum dia me tornarei um homem? pensava Kee, olhando a formação distante. Estou certo de que nunca alcançarei a mesa, e sinto-me cansado de correr. É tolice o que diz o velho avô.

“Amanhã vou correr e me esconder atrás do curral,” disse Kee a si mesmo, andando preguiçosamente, de volta para a cabana.

Ao aproximar-se da casa de seu avô, Kee sentiu que alguma coisa estava errada. Até então ele sempre fora saudado pela imagem do homem encanecido, esperando-o junto à porta, e da fumaça espiralada saindo do meio do telhado. Agora, a porta estava vazia, e a ausência da fumaça indicava que o fogo não tinha sido aceso. Ele correu para dentro e rapidamente examinou o quarto octogonal. Estava vazio, e ele ficou amedrontado.

Todos os verões, Kee passava com o velho avô, na sua cabana isolada, para ajudá-lo a cuidar do rebanho e para aprender os costumes de seu povo. Ele nem sempre entendia as coisas que seu avô lhe dizia, mas seu coração era repleto de amor e respeito pelo velho.

Onde ele pode estar? pensava o menino, paralisado de medo, como se estivesse pregado àquele chão duro de terra. Subitamente, ouviu um som abafado que chegava do outro lado das paredes da cabana. Kee correu para fora, rodeou a cabana, e atrás dela, junto à grande pilha de madeira de cedro, encontrou o avô, estirado no solo, com uma expressão de dor na face.



Colleen Helquist

Corra Para Encontrar o Sol

“Eu estava pegando a madeira para o fogo,” sussurrou ele. “Quando caí, as grandes achas rolaram sobre minhas pernas.”

Kee sabia que as achas tinham de ser removidas para livrar seu avô. Ele puxou-as, mas não conseguiu movê-las.

“Meus braços não são suficientemente fortes!” gritou Kee. “O que posso fazer?” O velho olhou bem nos olhos do menino apavorado.

“Seus braços talvez não sejam fortes, mas as pernas são muito fortes, meu filho,” disse ele. “Corra o mais depressa que puder até a casa do Tio Hosteen Begay. Ele trará ajuda.”

Kee correu mais depressa do que jamais correria, e enquanto seus músculos se esticavam e se distendiam, sentiu uma grande força nas pernas. Temendo pela segurança de seu avô, esforçava-se cada

vez mais, pulando moitas cerradas e ultrapassando as dispersas árvores de zimbro. Seu coração batia com rapidez, mas ele não se cansou facilmente, como acontecia antes.

Em muito menos tempo do que pensaria possível, o menino alcançou a distante cabana de Hosteen Begay, e diversos tipos puseram-se a caminho para ajudar o seu avô.

Kee olhou em direção à mesa colorida, e pensou nos muitos bastões que plantara, tentando alcançá-la.

“Não é tolice o que diz o velho, afinal de contas,” declarou ele. “Amanhã correrei alegremente para encontrar o sol!”

Nota do Tradutor: Mesa — Formação geológica de terra plana, coberta por um estrado mais resistente, que conserva o topo chato.

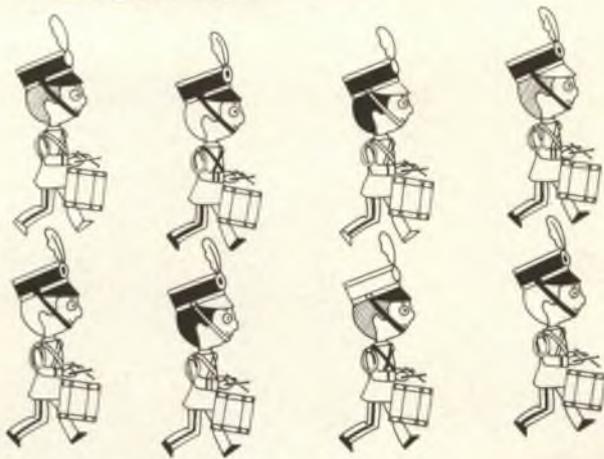


Só Para

Menino do Tambor, Menino do Tambor

Por Roberta L. Fairall

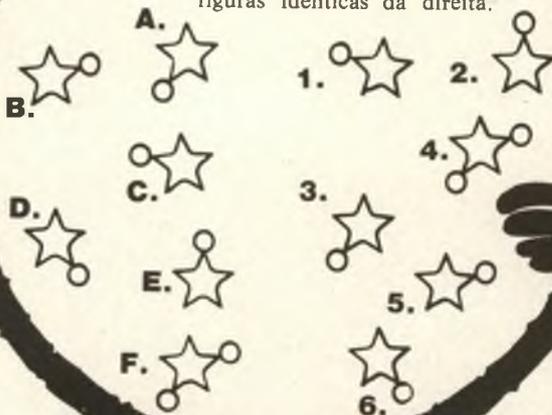
Você consegue encontrar dois meninos do tambor, exatamente iguais?



LIGUE AS ESTRELAS

Por Richard Latta

Ligue as figuras da esquerda às
figuras idênticas da direita.



QUEBR COLORID

Siga as indicações das cores
abaixo, para descobrir de que cor
é o chapéu que voou na parad

+ pr



Divertir

ABEÇA

vermelho ● marron



FIGURAS ESCONDIDAS

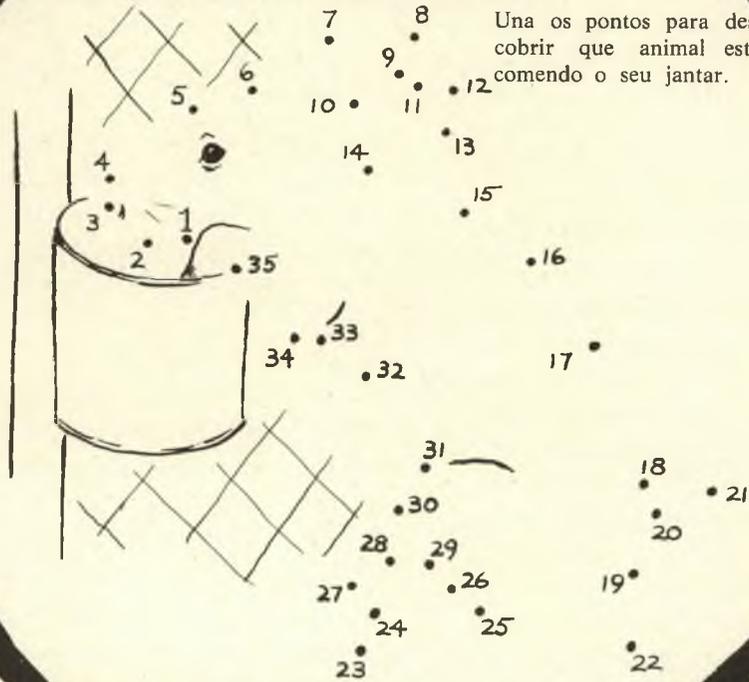
Por Neva Schultz

Você consegue encontrar uma foca, baleia, harpa, conchinha, amendoim, máquina fotográfica, cabana de índio, pingüim, pena, morcego, polvo e um iglu?

Quebra-cabeça dos pontinhos

Por Carol Conner

Una os pontos para descobrir que animal está comendo o seu jantar.



DE UM AMIGO PARA OUTRO



Hugh B. Brown



Conversando com alguns dos netos de Élder Brown, descobri que cada um deles se lembrava de coisas diferentes sobre o seu avô:

“Quando eu tinha mais ou menos nove anos de idade, lembro-me de vovô sentado na sua poltrona. Ele me deixava ficar atrás dele e pentear seus lindos cabelos. Eu costumava reparti-los no meio e depois penteá-los para trás, de diversas maneiras diferentes. Algumas vezes eu repartia o seu cabelo de lado e experimentava um penteado diferente, sendo que para fazer isso eu o penteava para a frente, sobre o seu rosto. Ele era muito paciente, e me deixava penteá-lo até que os meus braços ficassem cansados.”

“O que eu me lembro sobre vovô, são as histórias formidáveis que ele inventava e contava para minha irmã e para mim, sentadas aos seus pés. Eram longas histórias de aventuras — quase como ficção científica. Minha irmã e eu sempre fazíamos parte das histórias.

“Em uma das histórias, estávamos andando de carro pelo deserto, quando descobrimos uma grande caverna subterrânea. No fundo da caverna, encontramos diversos tipos de jóias e tesouros de valor. Havia uma porção de comida lá, para nos alimentarmos. A água, no fundo da caverna, era fervente, mas ainda bem que descobrimos uma lancha de corrida que nos salvou do calor da água. Nós todos entramos no barco e descemos o rio. Nas histórias como esta, que ele contava, sempre encontrávamos

De uma entrevista pessoal de Jo-leen Meredith com o Élder Hugh B. Brown (membro do Conselho dos Doze Apóstolos), e alguns de seus netos.

um ou dois gigantes, ou qualquer outra coisa assim emocionante. Lutávamos freqüentemente com esses gigantes, e sempre vencíamos, vovô, minha irmã e eu. Podíamos ouvir essas histórias fascinantes durante horas. Não havia televisão onde vivíamos, mas certamente não sentíamos falta dela.

“Vovô estava sempre sentado na sua poltrona, estudando, lendo um livro à luz da lâmpada. Néfi era seu profeta predileto. Ele sempre dizia que queria viver e ser como Néfi.”

Quando me encontrei pessoalmente com este grande homem, pedi-lhe que me contasse o que se lembrava sobre a sua meninice. Algumas das experiências de infância que ele me relatou são divertidas.

“Meu irmão Bud e eu nos divertimos muito, quando crianças. Ele gostava de me provocar e de fazer brincadeiras comigo. Um dia, ele estava perseguindo uma doninha

que entrou num buraco. Ele usou uma pá para tentar tirá-la, mas sem resultado. Bud me disse que, se eu colocasse minha mão dentro do buraco, talvez eu conseguisse agarrar o bichinho, e tirá-lo de lá. Acreditei nele, e enfiei minha mão até bem no fundo, tanto quanto consegui. Mas a doninha mordeu-me o dedo tão fortemente, que quase arrancou a ponta. Depois disso, resolvi ser um pouco mais cuidadoso, quando Bud me dizia que fizesse alguma coisa.

“Meu irmão importunou-me com suas brincadeiras durante toda a nossa infância. Uma vez, entretanto, consegui uma desforra. Lembro-me de que estávamos, dessa vez, dormindo no porão de um celeiro. Bud havia lido um livro sobre fantasmas e histórias fantasmagóricas. Um dia, tive a idéia de pedir a meu primo que colocasse um lençol sobre a cabeça para amedrontar Bud. Meu primo deveria esconder-se no porão do celeiro, até que Bud chegasse em casa. Eu me escondi do lado de fora, esperando e montando guarda. Como imaginávamos, Bud chegou, entrou pela porta do celeiro, e começou a descer para o porão. Quando ele viu meu primo, saiu gritando do celeiro, correndo tanto quanto possível. Preciso passar muito tempo, antes que Bud voltasse a dormir lá.”

Uma das mais interessantes experiências que Élder Brown me contou, foi sobre um cavalo. Pelo fato de ser oficial comandante da Cavalaria Canadense, um cavalo era muito importante para ele.



“Procurei o melhor cavalo das redondezas para comprar. Eu amava os cavalos — sempre os amei. Finalmente encontrei o cavalo certo. Paguei muito dinheiro por ele. De imediato contratei um excelente cavaleiro, especialista em treinamento de cavalos. Ele trabalhou arduamente com o meu cavalo, Barco a Vapor, como eu o chamava, e bem logo ele era não só o mais belo cavalo da Cavalaria Canadense, mas o mais bem treinado. Podia dizer-lhe que deitasse, rolasse, viesse até onde eu estava, e o cavalo imediatamente obedecia. Eu estava muito satisfeito.

“Estávamos em Cardston naquela época, e eu já montava Barco a Vapor havia uns dois anos, quando, um dia, um tal Coronel Walker, de Winnipeg, visitou nosso quartel. Sua incumbência mais importante era comprar um bom cavalo para o general. Ele não me



contou isso, a princípio, mas apenas disse:

“Soube que você tem um ótimo cavalo.”

“É de primeira classe,” respondeu.

“Ele então me pediu para dar uma volta em Barco a Vapor, e eu disse: — ‘Está bem.’

“Quando ele voltou, após uma volta rápida, desmontou e perguntou-me: ‘Quanto você quer por esse cavalo?’

“Eu tinha certeza de que ele estava brincando, por isso respondi prontamente: — ‘Oh, quinhentos dólares.’ Era uma quantia enorme.

“‘Considere-o vendido!’ disse ele.

Fiquei petrificado. ‘Mas eu estava só brincando, este cavalo é meu orgulho e minha alegria,’ gaguejei.

O Coronel Walker, com muita dignidade, disse: “Você me deu o preço, e eu vou pagá-lo, por isso acabamos de fechar negócio.”

“Fiquei acobalhado por muito tempo, diante da perda de minha alegria, Barco a Vapor, o meu amigo.

“Cerca de um ano mais tarde,” concluiu, “estando na Inglaterra, em visita ao nosso quartel-general, fui convidado a inspecionar os estábulos. Quando estava passando por uma fileira de baias, vi meu grande amigo lá. ‘Vapor!’ gritei.

“O cavalo pulou como se tivesse sido atingido por um tiro. Eu subi na baia, atirei meus braços em volta daquele cavalo, e chorei. Um bom amigo é difícil esquecer.”

Este apóstolo do Senhor também me contou quão importantes a oração e o testemunho têm sido para ele. Uma última recordação resume seus sentimentos:

“Se eu tivesse um pesadelo durante a noite, quando jovem, acordava e gritava: — ‘Mãe, você está aí?’ Como o quarto de mãe era pegado ao meu, ela me ouvia e respondia imediatamente: ‘Sim, filho, estou aqui.’

“Anos mais tarde, quando saí para a missão da Inglaterra, minha mãe lembrou-me que ela não estaria lá para responder, quando eu a chamasse, mas que nosso Pai Celestial sempre estaria perto.

“Muitas vezes, durante a minha missão, e pela minha vida, tenho gritado: — ‘Pai, você está aí?’”

O belo senhor, com lindos cabelos brancos, meditou por uns momentos. E então suavemente disse: “Sempre recebi uma resposta.”



Teste Sobre os Templos Mórmons

Vicki H. Budge

A palavra templo é derivada da palavra latina **templum**, e significa a casa do Senhor. Os santos dos últimos dias sempre ressaltaram a construção de templos, onde fazer a obra do Senhor. Nos parágrafos que seguem, encontram-se pistas para os nomes de alguns desses templos. Escreva os nomes dos templos nos espaços em branco.

1. Este templo foi construído pelos pioneiros e seus descendentes. Três outros templos foram terminados antes da dedicação do Templo de _____, em 1893.

2. O Presidente Joseph F. Smith foi para estas ilhas, quando tinha quinze anos de idade, para fazer trabalho missionário. Voltou lá em 1915, como Presidente da Igreja, a fim de dedicar um terreno para o Templo de _____.

3. Em 1887, um grupo pioneiro, da Cidade de Lago Salgado, viajou para o norte, a fim de estabelecer uma nova colônia. Deram à sua cidade o nome de Cardston, em homenagem a Charles Ora Card, líder do seu grupo. Em 1913, foi dedicado ali um terreno para o templo, e em 1923, o Presidente Heber J. Grant dedicou o Templo de _____.

4. Os pioneiros SUD mudaram-se para o oeste dos Estados Unidos, e muitos lamanitas e membros da Igreja, que falavam espanhol, estabeleceram-se na área onde está localizado este templo. Em 1927, o presidente Heber J. Grant dedicou o Templo de _____ para servir a estas pessoas.

5. Este foi o primeiro templo construído no continente europeu. Foram tantos os membros europeus que compareceram à dedicação, que se realizaram duas sessões,

diariamente, do dia 11 de setembro ao dia 15 de setembro de 1955. A oração dedicatória para o Templo de _____ foi oferecida pelo Presidente David O. McKay.

6. Os santos de muitas ilhas da Polinésia atravessavam longas distâncias através do Oceano Pacífico, para ir ao Templo do Havai. Em 1954, foi anunciado que um outro templo seria construído no Pacífico Sul. O Presidente McKay dedicou o Templo de _____, em 1958.

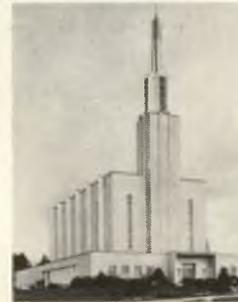
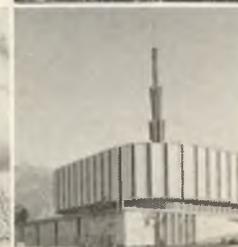
7. Após comparecer à dedicação do Templo da Suíça, em 1955, o Presidente McKay voltou a New-chapel, para officiar o lançamento da pedra fundamental de outro Templo. O Templo de _____ foi dedicado três anos mais tarde.

8. Dois templos foram dedicados recentemente, em áreas vizinhas à Cidade do Lago Salgado. Aquele ao norte é o Templo de _____ e aquele ao sul é o Templo de _____.

9. O templo SUD mais recentemente terminado é o Templo de _____ na parte leste dos Estados Unidos.

10. Existem seis templos, não mencionados acima, que também estão sendo usados por membros da Igreja. Você pode nomeá-los?

- M _____
- Templo de _____
- L _____
- Templo de _____
- S _____
- Templo de _____
- I _____
- Templo de _____
- L _____
- Templo de _____
- O _____
- Templo de _____



Aqueles Pés Sobre a Montanha São Meus?

Derek Dixon

Foi um choque para mim descobrir que eu estava realmente fazendo trabalho missionário.

“E assim,” disse meu presidente de ramo, “nós o estamos chamando para ser o coordenador do trabalho missionário do nosso ramo. Sua tarefa será não só ser o ponto de ligação entre membros e missionários, mas também incentivar e orientar o entusiasmo pela salvação de almas. Esperamos que você seja o líder desta grande obra.”

“O senhor só pode estar brincando,” disse eu. “Fico apavorado de perguntar a um estranho as horas. Tenho problemas para salvar a mim mesmo, imagine salvar meu vizinho.”

“Bobagem!” disse o presidente do ramo, de maneira bondosa. “Tudo o que você precisa é de um pouco de experiência — e isso o tempo lhe dará. Para iniciar, queremos que você prepare uma apresentação especial sobre o trabalho missionário, para a reunião do Sacerdócio, no próximo domingo — algo que entusiasme os irmãos, e que lhes dê algumas orientações sobre como fazer o seu vizinho interessar-se pelo Evangelho.”

Embora eu estivesse tentando sorrir, meu coração estava batendo forte, e todos os meus temores começaram a atravessar-me a mente. E ainda, inexplicavelmente, ouvi minha própria voz dizendo: “Bem, presidente, se o senhor acha que eu posso fazê-lo, tentarei.”

Naquela semana, ensopei o travesseiro com minhas lágrimas, pois, enquanto os outros dormiam, à noite, eu suplicava a meu Pai Celestial que me livrasse, de algum modo miraculoso, daquela designação apavorante. Mas o teto permanecia inflexível como o bronze sobre a minha cabeça, e um mal-estar indefinível tomava conta de todo o meu ser. Decidi, então, pedir ajuda para cumprir minha tarefa.

A resposta à minha súplica chegou tão rapidamente, que não podia ser nada menos do que uma revelação. Tão depressa as idéias começaram a brotar na minha mente, que mal tive tempo para pegar um lápis e escrever algumas delas. E, certamente, quando chegou o domingo, eu estava, pelo menos, preparado para dizer aos outros como interessar seus vizinhos e conhecidos no Evangelho!

Na reunião do Sacerdócio, de uma forma casual, apresentei seis princípios aos irmãos. Eles eram:

1. Você precisa fazer amigos.
2. Você precisa criar a oportunidade.
3. Você precisa ajudar.
4. Você precisa ser corajoso.
5. Você precisa conseguir sucesso.
6. Você precisa ser inspirado.

E estabeleci um sétimo princípio — silenciosamente — para mim mesmo:

Você precisa dar o exemplo.

No começo, não obtive muito sucesso em interessar os outros no Evangelho, principalmente porque ainda estava tendo dificuldade para vencer minha timidez. Mas a primeira centelha acendeu-se um dia, no escritório. Um rapaz solteiro estava começando a trabalhar naquele dia, e recebi a incumbência de mostrar-lhe as dependências do escritório. Ao caminharmos juntos, enchi-me de coragem e perguntei: “A propósito, você encontrou algum membro da Igreja Mórmon, enquanto estava no Canadá?”

Ele olhou-me atentamente. “Por que? Você é mórmon?”

“É, na verdade, sou.”

“Ah, que interessante. Não tive contato pessoal com nenhum mórmon, mas uma das estações de televisão apresentou uma espécie de conferência, da Cidade do Lago Salgado, num fim de semana. Foi até bem cacete. Mas de uma coisa eu me lembro: um dos oradores foi um velhinho de cabelos brancos — um dos velhos mais doces que eu jamais vi. Ele foi ótimo!”

Eu soube, naquele momento, que o espírito de um profeta de Deus abrira a porta para o coração de um homem, e para algumas conversas bem interessantes sobre o Evangelho, nas semanas seguintes.

“Desculpe-me”, disse eu, “mas que tipo de Livro de Mórmon o senhor está procurando?”





Minha segunda experiência missionária foi desagradável para mim, mas foi uma lição da qual me lembrarei por toda a vida.

Uma noite eu estava sentado num ônibus apinhado, vindo do trabalho, e lendo Ensinamentos do Profeta Joseph Smith. Ao meu lado, com um saco cheio de compras sobre os joelhos, estava uma senhora de meia idade.

Estava tão completamente absorvido em meu livro, que, durante a viagem, nenhuma vez levantei os olhos para olhar minha companheira de banco. Como estava chegando perto de casa, fechei o livro, e então ouvi minha companheira de viagem dizer: — “Ele foi um grande homem?” Tomado de surpresa, olhei para ela interrogativamente: “Quem?”

“O homem sobre o qual o senhor estava lendo — Joseph Smith.”

“Ele foi um grande homem, na verdade — um profeta de Deus.”

“Tão grande quanto Jesus Cristo?”

“Oh, não. Mas ele foi um dos seus maiores servos.”

Nesse momento, o ônibus chegou à minha parada, e eu tive que descer, deixando-a seguir para um destino que me era desconhecido.

Quando o ônibus estava saindo, nossos olhos se encontraram através da janela, e eu vi um grande anseio em sua face, que me fez sempre me arrependeu de não haver seguido viagem com ela. Tenho procurado por ela nos ônibus, desde aí, mas sem resultado.

Vagarosamente, através da experiência, eu me desenvolvi. Algumas vezes a estrada subia, outras, descia: mas nunca duvidei de que aquele fosse o

trabalho do Senhor, e aprendi, num dia de agosto de 1969, sobre a assistência que ele dá àquele que deseja ajudar nessa obra.

Quase todos os dias da semana, eu ficava no escritório durante a hora do almoço, mastigando sanduíches e me atualizando na minha leitura. Mas nesse dia, um vago desassossego tomou conta de mim. Senti-me deprimido e sem paz.

Com esta disposição, engoli os sanduíches mais depressa do que era conveniente para o meu estômago, e busquei alívio para aquela depressão nas ruas de Brighton.

Vagueei pelas ruas, olhando vitrinas por algum tempo. Até entrei numa livraria para dar olhadela, mas a sensação continuou e saí para as ruas outra vez.

Cheguei, então, a um lugar que costumava frequentar — uma livraria de segunda mão, com uma seção de pechinchas no subsolo. (Eu não a tinha visitado nos últimos meses, pois minha atração por pechinchas muitas vezes me deixara quebrado!)

Entre na loja e descí. O subsolo estava deserto. Dei uma espiada nas prateleiras, procurando tesouros com preço à minha altura. Mas eu mal tinha começado a procurar, quando ouvi barulho de passos na escada, e vi dois pastores de terno preto, colarinho alto, que desceram e começaram a examinar as prateleiras.

Não prestei muita atenção a eles, nem eles a mim.

E então, um virou-se para o outro e disse: “O que eu estou realmente procurando é um exemplar do Livro de Mórmon.”

Meus ouvidos empinaram-se, e meu coração começou a bater.

"Está?" disse o outro ministro casualmente. "Um povo muito interessante, na realidade. Há uma capela nova deles, perto de nós, em Southampton, mas nunca assisti a uma reunião, lá. De qualquer maneira, Fred, preciso ir andando. Prometi encontrar-me com Betty à uma hora. Talvez nos vejamos novamente, no próximo ano."

"Espero que sim," disse o pastor chamado Fred. "Adeus!" E o outro partiu, batendo as botas pelas escadas, enquanto Fred continuou a olhar.

O Espírito do Senhor era quase tão tangível quanto o fogo, ao me tocar. "Desculpe-me," disse eu, dirigindo-me ao pastor que ficara, "Mas que tipo de Livro de Mórmon o senhor está procurando — uma edição antiga?"

"Oh, não, apenas um exemplar."

"Bem, se o senhor me der o seu cartão, terei muito prazer em lhe enviar uma cópia do Livro de Mórmon."

"Ah, então você é um mórmon?"

"Na verdade, sou."

"Bem, isto é muito curioso."

"É, talvez seja," disse eu, "Mas por que está tão interessado no Livro de Mórmon?"

"Bem, acontece que sou pastor da Igreja Livre, em Essex, e minha congregação e eu estamos estudando as várias denominações religiosas. No sábado passado, muitos de nós vimos um filme na televisão, chamado Brigham Young, e ficamos tão impressionados, que decidimos escolher o mormonismo como nosso próximo assunto. É por isso que estou procurando um exemplar do Livro de Mórmon."

"O senhor o terá."

Ele me deu o seu cartão, e nos separamos, ambos consideravelmente assombrados com a coincidência — como se o fosse! — que o trouxe através de uma distância de cem milhas, e a mim, num passeio de hora de almoço, para nos encontrarmos e discutirmos o Livro de Mórmon no subsolo de uma livraria de segunda mão, num ponto qualquer de Brighton.

Enviei o seu cartão, com algumas linhas explanatórias, ao escritório da missão. Sobre o final do caso, não sei nada, mas sobre a inspiração do Senhor, não tenho qualquer dúvida.

Mas em todos os meus esforços missionários, permanecia um fato: até então, o Senhor tinha feito todo o trabalho. Eu nada fizera para estimular o interesse das pessoas pelo Evangelho. Havia um rio a ser atravessado, e eu devia transpô-lo. Mesmo assim, a idéia de aproximar-me de estranhos, e de portas desconhecidas, para discutir o Evangelho, ainda era suficiente para me reduzir a um completo desespero. Ao mesmo tempo, havia dentro de mim a determinação de vencer. Eu me aproximaria do estranho no meu portão!

Na noite da festa das bruxas, na capela do nosso ramo, nossa filha Susan construiu um caixão aberto, de papelão enrugado e papel de parede. Ela andou nele a noite toda; foi um grande sucesso.

Na manhã seguinte, eu estava esperando o ônibus para ir para o escritório. Diversas outras pessoas esperavam comigo, inclusive um senhor de meia

idade, corpulento e meio careca, com uma expressão muito ameaçadora. Mantive um diálogo interior, comigo mesmo, estabelecendo as várias razões por que esse homem jamais aceitaria o Evangelho, e por que eu jamais teria a coragem de me dirigir a ele. E o que diria eu, de qualquer maneira? Então, uma voz lá dentro de mim, me disse: "Você tem de ser corajoso." Juntando toda a minha coragem, eu disse ao homem: "Desculpe-me, mas o senhor conhece alguém que queira comprar um caixão de papelão?"

Ele olhou-me com muita desconfiança, como era de se esperar! "O que foi que o senhor disse?"

"Eu disse, o senhor conhece alguém que queira comprar um caixão de papelão? Sabe, tivemos uma festa das bruxas em nossa igreja, ontem à noite, e vestimos uma de nossas filhas como um defunto num caixão de papelão, e agora o caixão está atravancando a sala, e não sabemos o que fazer com ele."

E, então, eu esperei que ele perguntasse: "Que igreja é essa?" — mas ele não o fez. Ao invés disso, ele disse: "O senhor tem um senso de humor muito engraçado, não tem, meu amigo?"

Então, de repente, nós dois começamos a rir, e ele sugeriu que fôssemos andando até à cidade, em vez de esperar pelo ônibus. Ao começarmos a descer a ladeira, em direção à cidade, ele olhou para mim e disse: — "Agora, alguém que faz um comentário provocador dessa natureza para uma pessoa completamente estranha, ou é totalmente louco, ou tem qualquer coisa em mente, portanto, como é mesmo essa sua igreja...?"

Derek Dixon serve como presidente do Ramo de Brighton, na missão Londres-Inglaterra do Sul.

E então, uma voz lá dentro de mim, me disse: "Você tem de ser corajoso."



TRABALHADORES FIÉIS



Elder Loren C. Dunn
do Primeiro Conselho dos Setentas

Meus queridos irmãos e irmãs. Nos últimos meses, o Presidente Spencer W. Kimball recomendou-nos, novamente, como igreja, que tentássemos alcançar os outros filhos de nosso Pai.

Foi-nos pedido que estendêssemos nossos passos a duas áreas gerais. Primeiro, é necessário que cada membro da Igreja deixe a sua luz brilhar de tal forma, que os outros vejam o Evangelho de Jesus Cristo através do exemplo. O Senhor nos diz, em Doutrina e Convênios:

Um tributo àqueles que se sacrificaram para partilhar o Evangelho — e um desafio: Quando faremos nossa parte?

“E outra vez, vos digo, dou-vos um mandamento, que todo o homem, tanto élder, sacerdote, mestre, como membro, se aplique com o seu poder, com o trabalho de suas mãos, para preparar e executar as coisas que ordenei.

“E que a vossa pregação seja a voz da advertência de todo homem ao seu próximo, com mansidão e brandura.” (D&C 38:40-41.)

Cada família da Igreja deve fazer amizade com uma família que não seja da Igreja, numa base de família para família.

Segundo, cada jovem capaz deve preparar-se para fazer uma missão

de tempo integral. E novamente, de Doutrina e Convênios:

“Portanto, aplica-te com a tua força e chama trabalhadores **fiéis** para minha vinha, para que ela seja podada pela última vez.

“E à medida que eles se arrependem e aceitam a plenitude do meu Evangelho, e se tornarem santificados, eu susterei do julgamento a minha mão.

“Portanto, prossegue, clamando em alta voz, dizendo: o reino dos céus está próximo; clamando: Hosana! bendito seja o nome do Altíssimo Deus.

“Segue batizando com água, preparando o caminho diante de minha face, para o tempo da minha vinda;

“Pois o tempo se aproxima; o dia ou a hora ninguém sabe; mas certamente virá.” (D&C 39:17-21 Itálicos acrescidos.)

É sobre este último ponto que gostaria de estender-me. Tive a honra, recentemente, de ser designado para visitar a Missão Samoa-Apia, e comparecer a algumas conferências de estaca naquele país. Encontrei todos os missionários bem, e o trabalho progredindo. Uma tarde, em seguida à nossa reunião, o presidente da missão, Patrick Peters — que é natural de Samoa — disse: “Élder Dunn, há uma coisa que eu gostaria de mostrar-lhe.” Seguimos de carro até algumas milhas da casa da missão, e subimos até o cume de uma colina, num lugar isolado por palmeiras e outras vegetações tropicais. Subitamente percebi que estávamos em um velho cemitério. No centro desse cemitério, havia uma área cercada por um muro de cimento, baixo, que podíamos transpor. O presidente e irmã Peters me disseram que aquele era o local onde alguns dos primeiros missionários em Samoa estavam enterrados. Havia oito sepulturas.

O que mais despertou meu interesse foi que, das oito sepulturas, quatro representavam crianças com menos de dois anos de idade, e uma era de uma esposa e mãe de vinte e um anos. Que papel poderiam essas pessoas ter representado no trabalho missionário, em Samoa?

Durante os dois dias que se seguiram, no meu tempo livre, in-

vestiguei a história da missão para ter uma resposta. Embora não tenha conseguido informação sobre todas as oito pessoas, descobri o seguinte.

Nos primeiros dias da Igreja, era comum jovens casais serem chamados para uma missão, e alguns desses casais foram enviados a Samoa. A primeira pessoa a ser enterrada naquele local foi irmã Katie Eliza Hale Merrill. Ela e seu marido tinham estado na missão por somente três meses, quando ela adoeceu e teve um parto prematuro. A criança morreu no dia seguinte. A história diz o seguinte: “Uma hora após a morte da criança, a mãe chamou irmã Lee (esposa do presidente da missão) e, depois de agradecer-lhe pelo trabalho que tivera, cuidando dela enquanto estivera doente, disse que ‘ia morrer’, que ‘não podia ficar, porque tinham vindo buscá-la.’ Depois falou com seu marido, beijou-o, despedindo-se, e tudo acabou. A mãe e o bebê foram enterrados no mesmo caixão.” Após a missão, o irmão Merrill levou os restos de sua esposa e do filho para os Estados Unidos, para serem enterrados lá.

O Élder Thomas H. Hilton e irmã Sarah M. Hilton serviram em uma missão em Samoa, onde perderam três filhos, entre 1891 e 1894. A pequena Jeanette viveu menos que um ano, George Emmett somente sete dias, e Thomas Harold, um ano e meio.

Sobre a morte de Thomas Harold, o registro diz “No dia 11, domingo, ele não se estava sentindo muito bem. . . Durante os dois dias seguintes, parecia ter melhorado, mas na manhã do dia 14, sua mãe novamente ficou preocupada com a sua saúde. Dessa data até sua morte, no dia 17 de março de 1894, tudo o que mãos amorosas podiam fazer, foi feito para que ele se recuperasse, mas piorou rapidamente. . .

“Oh, quanto relutamos em crer que seja assim! Quão triste ver nossa querida irmã **novamente** despojada, estando ela tão longe dos queridos pais e amigos, a quem deixou por causa do Evangelho.

“Thomas Harold Hilton tinha cerca de um ano e meio, um belo menino, muito amado por todos os

missionários, assim como pelos nativos que o conheciam. Nós nos solidarizamos com os pais pela sua perda, e invocamos as bênçãos do Senhor sobre eles.”

Aos vinte e nove anos de idade, Ransom Stevens era presidente da missão em Samoa, quando foi atacado de febre tifóide, complicada por um problema de coração. Morreu em 23 de abril de 1894.

Sua viúva, irmã Annie D. Stevens, partiu para casa, de vapor, no dia 23 de maio. Ela chegou a Ogden no domingo, dia 10 de junho, sendo recebida pelo Presidente Joseph F. Smith e o Élder Franklin D. Richards. No dia 11 de junho, ela foi entrevistada pela Primeira Presidência, em Lago Salgado, e depois partiu para casa, em Fairview, Condado de Sanpete, chegando às 18 horas.

A história diz: “Os cumprimentos de seus amigos foram, necessariamente, breves, pois a irmã Stevens estava doente e teve de ir para a cama cedo, e às 23 horas, cinco horas após sua chegada, deu à luz um belo menino.” Ela havia passado por todas essas provações em adiantado estado de gravidez.

Um outro registro é de sexta-feira, 2 de março de 1900. “O pequeno Loi Roberts foi desenganoado nas mãos do Dr. Stuttaford, no hospital (em Apia). O pequeno paciente foi abençoado diariamente, e todas as vezes sentiu alívio. . . Seus pais (élder e irmã E. T. Roberts) foram incansáveis em seus esforços para minorar-lhe a dor e o sofrimento.”

Sábado, 3 de março, “O pequeno Loi morreu no hospital de Apia, pela manhã, completando mais um triste dia para a história da missão.” Não era de admirar que o túmulo tivesse a seguinte inscrição: “Descanse, doce Loi, descanse.” Tinha apenas um ano e meio de idade.

E assim, chegamos a Élder William A. Moody e sua jovem esposa, Adélia Moody. Eles foram chamados para a missão, saindo de Thatcher, condado de Graham, Arizona, chegando a Samoa em novembro de 1894. Deviam ter as mesmas esperanças e aspirações que qualquer outro casal jovem, começando a vida. Ela deu à luz uma menina de quatro quilos, no

dia 3 de maio de 1895. Três semanas depois, morreu. A filha, a pequena Hazel Moody, foi cuidada pelos santos locais, enquanto seu pai continuava a missão. Finalmente, um ano mais tarde, lemos o seguinte sobre um vapor que partia para os Estados Unidos, cujos passageiros incluíam quatro missionários que voltavam para casa, e “também a filha de Élder Moody, Hazel, de um ano, que será entregue a parentes carinhosos, em Sião.”

Havia sido pago um alto preço pelo estabelecimento do Evangelho de Jesus Cristo, na terra de Samoa. É interessante notar que uma grande parte dessa quantia foi paga por criancinhas. Suspeito que haja muitos cemitérios obscuros, em várias nações da terra, semelhantes àquele pequeno lote, em Samoa. São testemunhas mudas das provações e sofrimentos que acompanharam o início do trabalho missionário nesta dispensação.

Devido ao desenvolvimento dos padrões de vida e da tecnologia

médica, esta espécie de provação é coisa do passado. Em Samoa, por exemplo, encontrei os missionários muito bem. Existem lá, até, missionários de saúde, incluindo um jovem casal e seus dois filhos, que estão ajudando a melhorar os padrões de saúde dos membros, e cuidando da saúde dos missionários, quando necessário.

O sacrifício, hoje, é mais de tempo e dinheiro. Um sacrifício de 24 meses, para um jovem digno ajudar a levar avante a causa do Senhor. Outros deram suas vidas, para que o trabalho começasse, mas o Senhor requer apenas que sacrifiquemos algum tempo e algum dinheiro, para manter sua obra em andamento, através de todo o mundo.

Conta-se a história de um general aliado, que, quase no fim da II Guerra Mundial, foi, uma noite, inspecionar as tropas na frente de batalha. Indo de um lado para o outro, apontava o espaço vazio e dizia: “Vocês podem vê-los? Vocês podem vê-los?”

Finalmente, alguém disse: “Geralmente, não vemos nada. O que o senhor quer dizer?” Ele respondeu: “Vocês não podem vê-los? Eles são os seus companheiros; são aqueles que deram suas vidas hoje, ontem e anteontem. Eles estão lá, podem acreditar, observando vocês, imaginando o que é que vocês vão fazer; pensando se morreram em vão.”

Meus queridos irmãos e irmãs, como membros desta Igreja, podemos fazer a mesma pergunta: “Vocês podem vê-los?” Eles são os que pagaram, e alguns com suas próprias vidas, para que o Evangelho do reino pudesse ser estabelecido nestes, os últimos dias. Eles são os Hiltons, e os Roberts, e os Stevens, e os Moodys, e muitos outros — gente como você e eu, que responderam a um chamado de Deus. Estou certo de que eles têm permissão para olhar para nós algumas vezes, para ver como vai o trabalho, para ver o que estamos fazendo com sua herança espiritual, para ver se morreram em vão.

Imagino, jovem, o sucesso que você alcançaria em convencer a um pai moço, que tivesse enterrado três de seus filhos num obscuro cemitério, do outro lado do mundo, por causa do Evangelho de Jesus Cristo, que uma missão é um sacrifício grande demais, pois você quer comprar aquele carro, ou aquela vitrola, ou porque você não quer interromper os seus estudos, ou por qualquer outra razão.

Como membros da Igreja, imagino quão convincentes seríamos, dizendo a alguém que estamos muito ocupados, e talvez um pouco envergonhados para partilhar o Evangelho com nosso vizinho, especialmente se esse alguém fosse um jovem pai que tivesse enterrado sua esposa enquanto estava na missão, e que tivesse enviado sua filhinha para casa, para ser cuidada por parentes, enquanto ele terminava o seu serviço para o Senhor.

Não é hora de ouvirmos a voz de um profeta? Não é hora de estendermos nosso passo? Não é hora de ensinarmos o Evangelho do reino para o mundo, para o nosso vizinho? Em nome de Jesus Cristo Amém.

O templo, visto através de um velho vitral, no Centro de Informações.

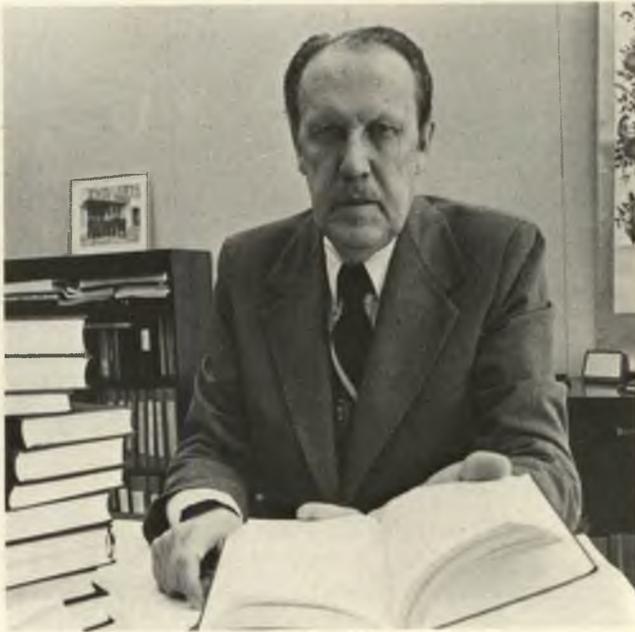


Perguntas e Respostas

As respostas visam esclarecer e dar perspectivas; não são pronunciamentos doutrinários da Igreja.

“As pessoas ainda falam em línguas, hoje?”

A resposta simples é: sim, falam.



John E. Carr

Mas estou certo de que vocês desejam algumas evidências. Talvez sejam tão numerosas, que não as reconheçam. Em virtude da própria natureza deste assunto, vocês podem sentir-se inclinados a querer o espetacular, ou algo tão fora do comum, que somente então aceitariam a evidência do dom.

Para compreender totalmente esta questão, é correto que tentemos entender o propósito daquilo que as Escrituras ensinam que é um dom. Joseph Smith, ensinando este princípio, disse: “As línguas são dadas com o propósito de pregar entre aqueles cuja língua não é compreendida.” (História da Igreja 2:607) Baseando-se nos ensinamentos das Escrituras, e nas revelações dos últimos dias, o Presidente Joseph Fiel-

ding Smith ensinou que “o dom das línguas não cessou.” (Respostas a Perguntas sobre o Evangelho 2:26) Também “O dom verdadeiro das línguas é manifestado na Igreja mais abundantemente, talvez, do que qualquer outro dom espiritual. Cada missionário que sai para pregar o Evangelho numa língua estrangeira, se ele ora e é fiel, recebe este dom.” (Respostas a Perguntas sobre o Evangelho 2:29) Centenas de testemunhos têm sido prestados por missionários, e outras experiências notáveis estão registradas na história da Igreja, evidenciando este dom na vida de líderes atuais da Igreja, tais como o Presidente David O. McKay (Gospel Ideals, p. 552), Elder Alonzo A. Hinckley (Respostas a Perguntas sobre o Evangelho 2:32-33), e outros.

Como um dos grandes líderes desta dispensação, e missionário devoto, na sua adolescência o Presidente Joseph F. Smith foi tão abençoado com este dom, que ensinou os havaianos em sua própria língua. Certa ocasião, disse: “No que me diz respeito, se o Senhor me der a habilidade de ensinar o povo na minha língua nativa, ou em sua própria língua, para o entendimento daqueles que me ouvem, esse será um dom de línguas suficiente para mim.” (Doutrina do Evangelho.)

Mas considerem outra evidência que é muito preeminente hoje. Através do mundo, o trabalho de tradução de Escrituras e de outras publicações da Igreja está sendo realizado em 32 línguas. Muitos tradutores que não poderiam alegar um conhecimento completo do inglês, lêem e estudam o Evangelho nessa língua, traduzindo o que entenderam para a sua língua natal. Por meio de persistentes esforços e treino, desenvolvem o dom que receberam, e tornam-se eficientes no seu trabalho. Estas pessoas fiéis são inspiradas e motivadas pela história de Oliver Cowdery, que tentou traduzir, mas não obteve sucesso, e então o Senhor lhe disse: “Eis que não compreendeste; tu supuseste que eu to daria, quando não fizeste outra coisa senão pedir. Mas, eis que eu te digo, debes ponderar em tua mente; depois me debes perguntar se é correto e, se for, eu farei arder dentro de ti o teu peito; hás de sentir assim, que é certo. Mas, se não for correto não sentirás isso, mas terás um estu- por de pensamento que te fará esquecer o que for errado; portanto, não podes escrever aquilo que é sa- grado, a não ser que eu te permita.” (D&C 9:7-9.)

Os missionários estão sendo preparados na missão de treinamento das línguas para o trabalho de ensinar o Evangelho numa língua estrangeira, e tudo isto para que as Escrituras sejam cumpridas. Lemos, em Doutrina e Convênios 90:11: “Pois acontecerá naquele dia, que todo o homem ouvirá a plenitude do Evangelho na sua própria língua, e no seu próprio idioma, através daqueles que são ordenados a este poder, pela administração do Consolador, sobre eles derramado para a revelação de Jesus Cristo.” A seção 1, versículo 2, também diz: “Pois, na verdade, a voz do Senhor se dirige a todos os homens, e ninguém há de escapar, e não há olho que não verá, nem ouvi-

do que não ouvirá, nem coração que não será penetrado.”

Numa epístola geral, publicada pela Primeira Presidência da Igreja, em 9 de julho de 1853, uma declaração muito esclarecedora foi feita sobre o assunto que estamos discutindo. É a seguinte:

“Traduzi o Livro de Mórmon em todas as línguas e dialetos debaixo dos céus, e publicai-o, pois Deus vos dará a oportunidade. E a partir desta hora, o dom das línguas, e por ele, o de tradução, de língua para língua, será manifestado cada vez mais aos élderes de Israel, até que nenhuma nação, reino, tribo ou família, será destituída da oferta da palavra de Deus na terra.”

Não podemos concluir que, somente com este maravilhoso dom, podem ser cumpridos os propósitos de Deus? Pois esta é a dispensação da restauração de todas as coisas. “Pois a vós, os Doze, e àqueles, a Primeira Presidência, que são convosco designados vossos conselheiros e vossos líderes, é dado o poder deste Sacerdócio, para os últimos dias e pela última vez, dias nos quais se encerra a dispensação da plenitude dos tempos.” (D&C 112:30.)

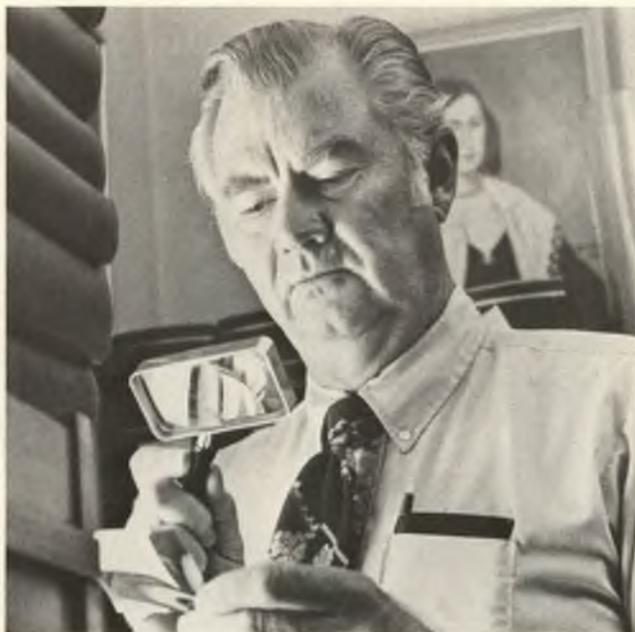
Considerem como seria difícil comunicar as verdades do Evangelho através do mundo, a menos que pelo poder de Deus este dom também fosse restaurado. Jesus tornou claro que todas as coisas deveriam ser restauradas, quando disse: “Em verdade Elias virá primeiro, e restaurará todas as coisas.” (Mat. 17-11.) O dom das línguas é uma das muitas coisas que precisavam ser restauradas, e ele o foi, como lemos em Doutrina e Convênios, onde o Senhor enumera muitos dons, inclusive este, que é o motivo da sua pergunta. (D&C 46:24.)

Talvez isto não seja espetacular, no mesmo sentido de outras histórias que nos são conhecidas. Mas a dimensão deste assunto, que é uma grande evidência para aqueles de nós que estão próximos do trabalho de tradução, da Igreja, está em que, pessoas com este dom são levantadas pelo Senhor nos lugares e nos momentos em que são necessárias.

Pensem nos três milhões e trezentos mil membros da Igreja espalhados pelo mundo, que tem uma população de cerca de três bilhões e setecentos milhões de pessoas, em 228 países e territórios, administrados separadamente, falando mais de 3.000 línguas e dialetos. Como seria possível cumprir o propósito da restauração do Evangelho para a salvação eterna da humanidade, a menos que o Senhor colocasse, estrategicamente, aqueles com o dom das línguas em lugares onde podem tornar-se instrumentos em suas mãos? E assim, pessoas em seus próprios países, e muitos que, por motivos profissionais ou negócios se encontram em outros países que não os seus, temporária ou permanentemente, acham-se profundamente envolvidas na edificação do reino de Deus na terra, porque, são abençoadas com o dom das línguas.

John E. Carr
Diretor de Distribuição e Tradução da Divisão
de Comunicações Internas da Igreja.

“Há alguma coisa,
encontrada entre as evidências
arqueológicas, que sustente
ou apóie o
Livro de Mórmon?”



Dr. Paul R. Cheesman

Alguns lingüistas sugerem que a semântica da nossa língua liga as palavras **sustentar** ou **apoiar** à palavra **provar**. Eu gostaria, portanto, de explicar os seguintes conceitos:

O Livro de Mórmon não foi escrito com a intenção de prover um relato histórico completo sobre as pessoas envolvidas. Em vez disso, Mórmon, Morôni, e Néfi, os três principais autores, escreveram um registro espiritual resumido, que contém elementos históricos suficientes apenas para dar continuidade a um registro que envolve um período muito longo de tempo. Qualquer evidência externa, portanto, seria basicamente importante para a parte histórica do livro, não para a sua mensagem espiritual. Uma vez que o registro contém lições espirituais, o leitor necessitaria de uma experiência espiritual para garantir a verificação de sua validade. A fórmula para receber esse testemunho, encontra-se em Morôni 10:4-5, do próprio registro. **A prova do Livro de Mórmon, permanece, assim, dentro do campo espiritual, e não dentro do estudo da arqueologia.**

Embora se adquira um testemunho deste registro somente através de estudo acompanhado de oração, existem muitas evidências externas que **sustentam** ou **apóiam** o Livro de Mórmon. Devemos lembrar-nos, também, de que o Livro de Mórmon não afirma ser um registro de **todos** os habitantes do continente americano, ou tratar de **todos** os ancestrais dos índios americanos. Ele afirma ser um registro espiritual de **três** grupos que vieram para a América.

As descobertas do mundo científico revelam que, antes da chegada dos espanhóis, a civilização do continente americano era fantástica. O povo desfrutava de grandes projetos arquitetônicos, construía soberbos sistemas de irrigação agrícola, havia ourives e prateiros excepcionais, e fazia parte de uma organização cívica, política e religiosa muito bem planejada. Em quase todos os aspectos, a civilização destes velhos ancestrais do índio americano comparava-se, favoravelmente, à majestade e grandeza de Roma e da Grécia. Não seria evidência favorável, portanto, ler como o Livro de Mórmon igualmente descreve grandes cidades com templos, bem como uma civilização extremamente culta, rica em ouro, prata, e finos tecidos?

Este registro gira em torno de um corpo governamental fortemente religioso, constantemente em guerra com aqueles que se opunham aos seus ensinamentos. Pesquisas acadêmicas revelam que a religião parecia ser a influência fundamental entre muitos grupos americanos antigos. A figura de influência central do Livro de Mórmon, é Jesus Cristo, cujas visitas a este continente estão nele registradas. Em todas as lendas americanas antigas, e mesmo hoje, nas várias tribos que vivem no continente americano, ouvimos uma das mais duradouras lendas — a história do Deus branco, barbudo, que visitou seus ancestrais, ensinou-os, abençoou-os, e prometeu voltar. Não podemos deixar de refletir sobre estas semelhanças. Existiu aqui uma cultura muito avançada, antigamente; o Livro de Mórmon nos conta sobre essa sociedade que floresceu e morreu na antigüidade.

Os habitantes primitivos da terra à qual damos agora o nome de América, eram tão civilizados e cultos, no seu apogeu, como qualquer grupo em existência, na época, em qualquer parte do mundo. Muitos eruditos têm concluído que o auge da civilização pré-colombiana coincidiu com o tempo de Cristo. Estudando as atuais e desprezíveis culturas indígenas, imaginamos o que terá acontecido à majestosa civilização que existiu neste continente. Onde está o povo que construiu magníficas estradas, por onde os viajantes se dirigiam aos templos e palácios tão grandiosos como aqueles encontrados no Velho Mundo? A história destes povos, revelada no Livro de Mórmon, provê alguns interessantes paralelos com as modernas descobertas arqueológicas e tradições indígenas.

Um Deus que não faz acepção de pessoas, certamente visitaria, instruiria e deixaria um registro de suas relações com milhões de pessoas deste Novo Mundo, assim como do velho. Traduções de antigas

histórias dos índios, assim como do Livro de Mórmon, testificam isto. Muitas tradições índias revelam o conhecimento do dilúvio, da arca, da divisão das águas, e de outras ocorrências bíblicas, tudo isto contado aos espanhóis, quando estes chegaram ao Novo Mundo.

Há muitos conceitos, no Livro de Mórmon, que emergem dos estudos da arqueologia e etnologia. Alguns dos que sustentam e apóiam o registro do Livro de Mórmon, ou tratam de civilizações adiantadas pós-Livro de Mórmon, são os seguintes:

Evidências Arqueológicas	Livro de Mórmon
Edifícios, vistos por qualquer turista em Meso e América do Sul	2 Néfi 5:15 Mosiah 8:8 9:8 11:8
Cimento de força incomum	Helamá 3:7, 9, 11
Torres vistas por Cortez em sua exploração	Alma 48:1 50:4
Estradas até 9.000 milhas de comprimento, atravessando a América do Sul	1 Néfi 25:11 Helamá 14:24
Rodas — muitos brinquedos com rodas foram encontrados	2 Néfi 12:7 Alma 18:9
Armas semelhantes às construídas no Velho Mundo	Alma 23:13 25:14 Jarom 1:8
Metalurgia — incluindo ouro, prata e cobre	Helamá 6:9 Éter 10:23
Prática de medicina e cirurgia	Alma 46:40
Evidência de um sacerdócio altamente organizado	Alma 4:20 13:6

Evidências de uma adiantada civilização são também reveladas nos conhecimentos da velha América sobre matemática, astronomia, práticas religiosas, tais como sacrifícios, batismo, sacramento, circuncisão e crença na imortalidade. Tudo isto, e mais muitas outras evidências, certamente sustentam e apóiam o Livro de Mórmon.

Podem-se notar que ainda existem alguns conceitos históricos e culturais, mencionados no Livro de Mórmon, que não foram sustentados pelo estudo da arqueologia. Isto é muito natural, uma vez que esta matéria é uma ciência nova, que apareceu perto do início do século, e novas descobertas estão sendo relatadas constantemente. O tempo, sem dúvida alguma, suprirá a evidência comprobatória para as afirmações do Livro de Mórmon que ainda não possuem paralelo arqueológico. Podemos dizer com certeza que **nada no Livro de Mórmon foi provado falso**, através das descobertas arqueológicas — **na verdade, existem muitas evidências comprobatórias.**

Nas minhas pesquisas sobre a América antiga, juntamente com meus estudos do Livro de Mórmon, encontrei centenas de exemplos que substanciam a história do Livro de Mórmon.

Dr. Paul R. Cheesman
Professor de Escritura Antiga da
Universidade de Brigham Young

ESTACAS EM SÃO PAULO REALIZAM SUAS CONFERÊNCIAS TRIMESTRAIS



Com a realização de suas conferências as estacas de Santos, Campinas e São Paulo Oeste, congregaram cerca de 1.800 santos para ouvir as instruções e mensagens de seus líderes e Autoridades Gerais.

Os membros da Estaca de Santos Brasil reuniram-se sob a presidência do Presidente José Gonzales Lopes e seus conselheiros.

Os membros da Estaca de Campinas Brasil foram liderados pelo Presidente Nelson de Genaro e seus conselheiros assim como a Estaca São Paulo Oeste Brasil reuniu-se sob a presidência do Presidente José Benjamin Puerta.





As reuniões foram realizadas nos dias 9 e 15 de novembro do corrente ano. No dia 9 as Estacas de Santos e São Paulo Oeste Brasil fizeram suas reuniões nas capelas de Santos I e capela da Ala III, Santo Amaro, respectivamente.

A Estaca de Campinas Brasil reuniu-se posteriormente no dia 15 de novembro ocupando as dependências da capela da Ala II de Campinas.

As reuniões foram presididas por Autoridades Gerais, Élder Willian H. Bennet, Assistente dos Doze (Estaca de Santos Brasil e Estaca Campinas Brasil) e Élder

Paul H. Dunn, do Primeiro Conselho dos Setentas (Estaca São Paulo Oeste Brasil).

Um fato que é de bastante interesse e importância foi a realização da Conferência da Escola Dominical Junior para as crianças de até 6 anos de idade. Ali sob a orientação da liderança da Escola Dominical Junior das Estacas, as crianças passaram ótimos momentos aprendendo o Evangelho.

Tanto na Estaca de Campinas Brasil como na Estaca São Paulo Oeste Brasil as crianças receberam a visita das Autoridades presentes



PERFIL DE UM LÍDER

PRESIDENTE WALTER SPÄT.

PRESIDENTE DA ESTACA SÃO PAULO BRASIL

José B. Puerta



Presidente Walter Spät

Duas datas, duas épocas significativas. Na pequenina cidade de Stimpfach, Alemanha, no dia 4 de abril de 1919, nasce Walter Spät, filho de August Spät e Paula Spät. A data de 1.º de maio de 1966 e o nome do Presidente Walter Spät são dois elos interligados do começo de uma nova era da Igreja no Brasil. A primeira estaca organizada no Brasil e na América do Sul teve e ainda tem como presidente o irmão Walter Spät. Podemos lembrar a euforia e o entusiasmo dos membros recebendo naquela oportunidade o Élder Spencer W. Kimball, então membro do Conselho dos Doze, e o Élder Franklin D. Richards, Assistente dos Doze. As entrevistas se prolongaram durante todo o dia, e na realização da sessão geral da aquela conferência extraordinária, o

nome do irmão Walter Spät foi submetido para a aprovação dos membros como o primeiro presidente de Estaca no Brasil e na América do Sul — a Estaca São Paulo. De lá para cá todos conhecem o progresso e o desenvolvimento da Igreja em nosso país. Oito novas estacas foram organizadas; 6 em São Paulo, uma em Porto Alegre e outra em Curitiba.

outra no Rio de Janeiro. Mas, a história deste pioneiro presidente de estaca começou bem antes, em 1949, quando manteve o seu primeiro contato com os missionários d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Jamais ouvira antes falar sobre a existência dessa igreja. Embora tenha sido batizado na Igreja Metodista, não a frequentava e nem mesmo a qualquer outra. Os missionários colocaram em suas mãos o Livro de Mórmon, Doutrina e Convênios e outros mais, e a todos o Presidente leu com interesse e entusiasmo. Convenceu-se logo da veracidade da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, batizando-se no dia 20 de março de 1950.

Seis meses depois sua esposa também foi batizada, e, até hoje, a irmã Edite Spät tem sido um apoio e um incentivo para o Presidente Spät. Casados em São Paulo, no dia 14 de junho de 1946, puderam ver esta união selada para o tempo e a eternidade no dia 22 de julho de 1967, no Templo da

Suíça. O casal tem dois filhos, ambos casados; Osvaldo Walter Spät e Gloria Spät. Seu filho Osvaldo foi um dos primeiros missionários enviados do Brasil para o exterior, em missão de tempo integral. Osvaldo possui 3 filhos que representam a alegria do vovô e da vovó Spät; Daniel, com 6 anos, Andréa, com 4 anos e Priscila, com apenas 5 meses de idade. No início de sua vida na Igreja, o Presidente frequentava o Ramo do Centro instalado na Rua do Seminário, nessa época presidido por um missionário. Pela sua dedicação e frequência às reuniões, foi logo chamado para presidir este ramo. Nessa mesma época, outros ramos começaram a ser organizados; o ramo da Rua Borba Gato, o Ramo do Jardim Europa, e posteriormente o Ramo de Pinheiros, já com o terreno comprado pela Igreja — na confluência da Avenida Rebouças com a Rua Iguatemi — hoje Avenida Faria Lima. O Presidente Spät acompanhou todo o desenrolar da construção da Capela de Pinheiros, a primeira construída em São Paulo, desde a compra do terreno até a sua inauguração. O Presidente Spät tem sido sempre um exemplo de dedicação, trabalho e obediência. Serviu na Missão Brasileira como assistente do Presidente Wayne M. Beck, e nessa ocasião teve a oportunidade de participar da inauguração de inúmeras capelas, tais como a da Tijuca, no Rio de Janeiro, a de Bra-



Presidente Spät, com sua esposa, filhos, genro, nora e netos

sília, Belo Horizonte, Baurú

Foi membro do Conselho do Distrito, prestando ajuda e assistência ao ramo de Santo André. O seu chamado para presidir a Estaca São Paulo o surpreendeu, e apesar de ter dito ao Élder Kimball que achava que existiam outros irmãos em melhores condições nesta posição, teve confirmado o seu chamado para aquele importante trabalho. A Estaca São Paulo foi então organizada naquela oportunidade com 8 unidades, constituídas pelas Ala I, da junção do então ramo de Vila Mariana e do Ramo do Ipiranga, Ala II, com a junção dos ramos do Bosque I e II, Ala III, ramo de Santo Amaro, Ala IV, antigo Pinheiros I, Ala V, antigo Pinheiros II, Ala VI, Perdizes, Ramo da Lapa e Ala de Sorocaba. Graças à sua liderança e o esforço missionário, dois anos e meio depois de sua organização, em 24 de novembro de 1968, a Estaca São Paulo se dividiu, e uma nova estaca foi organizada em São Paulo, a Estaca São Paulo Leste, sob a presidência do Presidente Hélio da Rocha Camargo. Pouco menos de 2 anos depois, em 6 de

setembro de 1970, a Estaca São Paulo Leste também se dividiu e uma nova estaca surgiu com a junção das alas e ramos do ABC e da Baixada Santista, organizando-se, então, a Estaca São Paulo Sul sob a presidência do Presidente Saul Messias de Oliveira. Mas, a 10 de junho de 1973, em pleno Palácio das Convenções, no Anhembi, palco de memorável Conferência de Área, haveria uma nova explosão de júbilo, e três novas estacas foram organizadas sob a direção do Élder Howard W. Hunter: a Estaca de Campinas, a Estaca de Santos e a Estaca São Paulo Oeste. Sem dúvida, a formação destas novas estacas foi um momento de grande emoção e alegria para o Presidente Walter Spät. Aquele que tão habilmente sabia usar suas mãos como desenhista de decorações para ambientes familiares, matendo a sua progressista indústria de móveis finos, também soube usar da palavra para aconselhar, orientar e estimular a vida e o progresso espiritual dos membros de São Paulo. Segundo suas próprias palavras "tudo o que aconteceu de importante em sua vida, tanto no sen-

tido material como espiritual, e na Igreja, foi conseguido através do jejum, oração e do pagamento honesto e pontual do dízimo. Sempre pontual em seus compromissos, nas reuniões de sua responsabilidade, dedicado ao extremo em seus chamados na Igreja, achava tempo para se dedicar aos seus afazeres familiares. Sente uma gratidão e uma felicidade imensa por ter podido custear todas as despesas de seu filho Osvaldo, quando em missão na Europa. O seu conselho aos jovens é "que façam uma missão, que continuem se preparando para atender ao chamado do Presidente Kimball; que se mantenham limpos, dignos e senhores da situação a fim de magnificar este chamado". Pouco menos de 9 anos após o seu chamado como presidente de Estaca, na manhã de 1 de março de 1975, juntamente com milhares de santos que ele viu crescer e progredir na Igreja, tendo ao seu redor líderes que ele próprio formou, ouviu do Presidente Spencer W. Kimball a mensagem ansiosamente aguardada: "Um templo será construído na América do Sul, e este Templo será construído em São Paulo". O Presidente Spät sabe que esta é uma grande bênção para o nosso povo e que irá exigir sacrifício de todos nós, mas está confiante que todos irão contribuir para esta grande obra. Como ele próprio diz, "não podemos ter nada e nem direito a nada se não fizermos sacrifícios, se não lutarmos por aquilo que desejamos. Que os membros se conscientizem do sacrifício que deve ser feito e que deixem de lado as coisas supérfluas". O Presidente Walter Spät completará a sua 40.^a conferência de Estaca em maio do próximo ano. A sua mensagem aos Santos do Brasil, e em particular aos membros de sua estaca, é que "possam ser abençoados ao viverem realmente os mandamentos, pois, sem fazer sacrifício e sem fazer a nossa parte não temos o direito de pedir e nem esperar por coisa alguma. Que sejam realmente fiéis, que vivam os padrões da Igreja e que fortaleçam o seu Sacerdócio, fazendo alguma coisa de importante. Que nossemos estar comprometidos na responsabilidade de seus chamados."

As Oitavas Conferências Gerais da Igreja Realizadas em várias Cidades do Pacífico Sul



As oitavas conferências gerais de área serão realizadas em fevereiro e março próximos, em várias cidades do Pacífico Sul.

Mais de 106.000 membros da Igreja na Austrália, Nova Zelândia e Ilhas do Pacífico Sul, serão convidados para as oitavas conferências gerais de área, em fevereiro e março de 1976, como parte do que o Presidente Kimball chama de a grande aventura de divulgar integralmente o programa da Igreja a todo o mundo.

A Primeira Presidência anunciou que vai dirigir conferências na Austrália, e uma em cada uma dessas ilhas: Nova Zelândia, Fiji, Tonga e Taiti. As Autoridades Gerais participarão de todas as conferências.

O programa para as próximas conferências é o seguinte:

Apia, Samoa — segunda, terça e quarta-feira, 16-18 de fevereiro, para os membros residentes em Samoa. Reuniões incluindo um programa de atividade social, quatro sessões gerais e sessões especiais de grupo que serão realizadas nas dependências do Colégio da Igreja, de Samoa Oeste, perto de Apia, a capital de Samoa Oeste.

Hamilton, Nova Zelândia — sexta, sábado e domingo, 20-22 de fevereiro, para os membros residentes em Nova Zelândia. Reuniões abrangendo um programa de atividade social, quatro sessões gerais e sessões especiais de grupo serão dirigidas no Colégio da Igreja, em Temple View, um subúrbio de Hamilton.

Suva, Fiji — segunda-feira, 23 de fevereiro. Uma sessão geral para os membros de Fiji está planejada para segunda-feira à noite, no "hall" cívico e cultural em Suva.

Nukualofa, Tonga — terça e quarta, 24 e 25 de fevereiro, para os membros de Tonga. Quatro sessões gerais e um programa de atividade social à noite, a serem realizados na Escola Secundária Liahona, da Igreja.

Perth, Austrália — sexta-feira, 27, para os membros da estaca e missão, em Perth. Uma sessão geral será realizada sexta de manhã, na Sede da Estaca de Perth, Austrália.

Conferências gerais simultâneas de área serão realizadas em Mel-

bourne e em Sidnei, Austrália, 28 e 29 de fevereiro. Em Melbourne, quatro sessões gerais e sessões especiais de grupo serão realizadas no "Hall Festival".

Estão convidados os membros das estacas de Adelaide-Austrália, Melbourne-Austrália Fairfield e Melbourne Austrália Morabbin; e das missões de Austrália Adelaide e Austrália Melbourne.

Reuniões semelhantes serão realizadas para os membros das estacas de Brisbane, Austrália, Sidnei Austrália Greenwich, Sidnei Austrália South e das missões de Austrália Brisbane e Austrália Sidnei.

Papiti, Taiti — segunda e terça-feira, 1 e 2 de março, para os membros de Taiti. Serão realizadas quatro sessões gerais e um programa de atividade social, na Escola Elementar da Igreja de Papiti.

Há mais de 34.000 membros da Igreja na Nova Zelândia, mais de 31.000 na Austrália, cerca de 20.000 em Samoa, 14.000 em Tonga, 2.500 em Fiji e 5.200 na Polinésia Francesa.

ACONTECIMENTO HISTÓRICO — ORGANIZADO O PRIMEIRO QUORUM DOS SETENTAS

A organização do Primeiro Quorum dos Setentas, um acontecimento histórico, foi anunciada pelo Presidente Spencer W. Kimball na abertura da 145.^a Conferência Geral Semi-Anual, no dia 3 de outubro de 1975.

Anunciou-se também o chamado do Élder Gene R. Cook, secretário executivo do Primeiro Conselho dos Setentas, como um dos membros daquele conselho, preenchendo a vaga deixada com a morte do Élder Milton R. Hunter, no dia 25 de junho de 1975.

Três setentas, que se tornaram Autoridades Gerais, foram chamados como membros do Primeiro Quorum dos Setentas. São eles: Charles A. Didier, Representante Regional dos Doze; William R. Bradford, presidente da Missão de Santiago do Chile; e Gorge Patrick Lee, presidente da Missão Holbrook Arizona.

O Primeiro Conselho dos Setentas preside sobre o Primeiro Quorum dos Setentas, que é formado sem se considerar o tempo do chamado de cada membro (como ocorre no Conselho dos Doze, Sumos-Conselhos da Estaca etc.)

O Primeiro Quorum dos Setentas será organizado com um número eventual de 70 homens. O Primeiro Conselho dos Setentas está incluído em seus 70 membros.

Organizou-se um quorum dos setentas em 28 de fevereiro de 1835 e foi chamado o primeiro quorum. Funcionava sob sete presidentes, mas os membros do quorum não eram considerados Autoridades Gerais.

Após a morte do Profeta Joseph Smith, foram organizados nove quoruns dos setentas, com 63 dos membros do quorum original, tornando-se presidentes destes quoruns.

Os sete presidentes originais, deixados sem um primeiro quorum organizado, presidiam sobre estes nove quoruns. Estes sete pre-

sidentes eram o Primeiro Conselho dos Setentas original.

Os sete membros do Primeiro Conselho dos Setentas servem no comitê missionário executivo e são chamados para o serviço missionário especial no Evangelho restaurado de Jesus Cristo em todo o mundo.

Agora serão associados pelos membros do Primeiro Quorum dos Setentas, sob a direção dos Doze Apóstolos e da Primeira Presidência, a fim de tornarem o trabalho missionário mais eficiente nas estacas e missões de todo o mundo. Também assumirão e executarão as responsabilidades de Autoridades Gerais.

Vinte novas missões foram organizadas este ano, totalizando 133, a maior expansão na obra missionária, jamais verificada na história da Igreja.

O Presidente Kimball observou, entretanto, a necessidade de um esforço missionário da obra constantemente em expansão e mais eficiente. Ele aguarda ansiosamente o dia em que será permitida a entrada dos missionários no grande número de nações cujas portas estão ainda fechadas para eles.

Gene R. Cook, o novo membro do Primeiro Conselho dos Setentas, nasceu no dia 1.^o de setembro de 1941, em Léhi, Utah, filho de Clarence H. e Myrl T. Cook. Casou-se com a senhorita Janelle Schlink, de Winslow, em Mesa, Arizona, no Templo de Mesa no dia 29 de novembro de 1963, e são pais de quatro filhos.

Élder Cook tem servido desde 1972 como Representante Regional dos Doze, sendo designado mais recentemente para a Missão de Córdoba, Argentina, Região Tucumã da Argentina, e Missões de Indiana, Indianápolis e Ohio Columbus.

Antes de seu casamento, serviu como missionário no Uruguai e no Paraguai. Durante 13 anos após seu regresso da América do Sul, Élder Cook serviu em três missões de estaca, como presidente da missão da estaca, e como um dos sete presidentes do Quorum dos Setentas de sua estaca.

Serviu também como diretor de dança e oratória e conselheiro da antiga AMM, rapazes, professor do Sacerdócio e auxiliares, e secretário da ala.

É também autor de lições para os manuais da Igreja.

Formado na escola pública de Mesa, frequentou a Universidade Estadual do Arizona, onde recebeu seu bacharelado em 1965 e mes-trado em Administração de Empresas em 1966. Mais tarde, exerceu a função de Agente de Seguros e foi membro da Million Dollar Roundtable. (N.T. — Million Dollar Roundtable — é um programa de incentivo aos vendedores de seguro, que conseguem vender US\$ 1.000.000 em seguros de vida. O irmão Cook é uma das poucas pessoas que atingiu essa meta.)

William Rawsel Bradford nasceu no dia 25 de outubro de 1933, em Springville, Utah, filho de Rawsel W. e Mary Waddoups Bradford.

Sua esposa é Mary Ann Bird, de Mapleton, Utah. Casaram-se no dia 22 de junho de 1955 no Templo do Lago Salgado e são pais de seis filhos.

Quando rapaz, o Élder Bradford acompanhou seus pais ao Havaí onde presidiram a Missão Laie Temple Bureau. Mais tarde, serviu como missionário na Missão Japonesa.

Élder Bradford foi líder de grupo de militares em Fort Devens, Massachusetts, e serviu em muitas posições da Igreja no Texas, tais como: presidente do distrito, presidente do quorum de élderes, junta auxiliar da missão, e presidente do ramo de McAllen.

Os Bradford têm servido na Missão Santiago do Chile desde julho.

Antes de aceitar o chamado para a missão, o Élder Bradford era presidente e gerente geral da Internacional Fruit Growers and Shippers, Inc. em McAllen, Texas. A firma cultiva e compra frutas cítricas e tropicais do México para vender e distribuir nos Estados Unidos e Canadá.

Formou-se na Escola Secundária de Springville, Utah, e frequentou a Universidade de Brigham Young.



Gene R. Cook



William R. Bradford



Dr. George P. Lee



Charles A. Didier

Charles A. Didier nasceu a 5 de outubro de 1935, em Ixelles, Bélgica, filho de André e Gabrielle Colpaert, e foi batizado na Igreja como converso no dia 24 de novembro de 1957.

A senhora Didier, nascida Lucie Lodomez, de Liège, Bélgica, foi convertida à Igreja quando tinha 15 anos de idade. Os Didier casaram-se no dia 14 de outubro de 1961, e são pais de dois filhos.

O Élder Didier é o diretor europeu dos serviços de tradução e centro de distribuição da Igreja em Frankfurt, Alemanha.

É o ex-presidente da Missão Franco-Suíça, professor da Escola Dominical, presidente do ramo de Liège, Bélgica.

Recebeu seu bacharelado em economia na Universidade de Liège e serviu como oficial de reserva na força aérea belga.

É o autor de um estudo econômico das relações comerciais entre o Congo Belga e a Bélgica.

Região da França, Região Franco-Belga, Missão Paris-França e Missão Bruxelas-Bélgica.

George Patrick Lee nasceu aos 23 de março de 1943, em Towaoc, Colorado, filho de Pete e Mae K. Redwoman Lee.

Casou-se com Katherine Hettich, uma índia comanche de Oklahoma, no dia 13 de dezembro de 1967, no Templo do Lago Salgado. Eles têm três filhos.

A sra. Lee graduou-se na Universidade de Brigham Young. O Dr. Lee é o ex-presidente do Colégio de Ganado, um colégio na Reserva Navajo ao norte do Arizona. Ele foi o primeiro índio a ocupar a posição no que antigamente era um internato presbiteriano. Antes disso, foi assistente do presidente do colégio, deão dos estudantes e diretor dos estudos índios.

Como Representante Regional, o Élder Didier foi designado para a

Dr. Lee recebeu seu bacharelado na Universidade de Brigham

Young em 1968, o mestrado na Universidade Estadual de Utah em 1970 e doutorado na Universidade de Brigham Young em 1975.

Quando rapaz, frequentou escolas públicas de Utah, enquanto participava do Programa de Colocação de Estudantes Índios da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Por causa deste programa, ele morou na casa de membros da Igreja, Sr. e Sra. Glen L. Harker, de Orem, durante o período escolar, visto que oportunidades educacionais adequadas não eram encontradas próximo à sua casa, nos afastados limites da Reserva Navajo.

Ganhador de muitas bolsas de estudo e distinções, foi nomeado um dos "Rapazes Mais Destacados da América." Recusou a nomeação como Membro da Casa Branca para aceitar o cargo de presidente do Colégio de Ganado. Serviu também como conselheiro do presidente da outrora Missão Novo México — Arizona.

Notícias sobre O Templo



Jóvens do Instituto que participaram no projeto de fundos para o Templo.

Porto Alegre, setembro de 1975.

— Com a finalidade de envolver os alunos do Seminário e Instituto da Estaca de Porto Alegre, Brasil, no trabalho de doação de fundos para a construção do Templo da América do Sul, realizou-se um projeto especial de serviço naquela unidade, durante o mês de setembro de 1975. Visava-se despertar na juventude um senso de responsabilidade para com a construção do sagrado edifício e procurar levá-los a iniciarem um processo regular de ofertas para a edificação da Casa do Senhor.

Os alunos foram desafiados a se empregarem ativamente em atividades diversas durante o espaço de um mês e a doarem o dinheiro obtido através de tais atividades para a construção do Templo. Foi sugerido que os alunos fizessem economias especiais, sacrifícios de alguns hábitos, que desenvolvessem certos trabalhos manuais e prestação de serviços, etc. A idéia foi bem aceita.

No dia 27 de setembro, cada classe apresentou um relatório do que havia sido feito e quanto dinheiro a classe havia arrecadado. Houve uma das classes que doou Cr\$ 740,00 (setecentos e quarenta

cruzeiros), o que consistia por si só no total que a Ala deveria apresentar mensalmente, como quota estabelecida pelo Comitê de Construção. Para obter tal quantia, os alunos do Seminário e Instituto daquela Ala fizeram diversas coisas. Por exemplo: os alunos planejaram e levaram a cabo um jantar, o qual foi muito concorrido. Também a maior parte deles semanalmente trazia para a classe 20 ou 30 cruzeiros em moedas, dinheiro esse economizado daquilo que seria gasto em passagens de ônibus para a escola ou na compra da merenda escolar. Houve um rapaz nesta ala que, durante um mês, andou para a escola à pé uma distância de aproximadamente 10 quilômetros, ida e volta, doando o dinheiro da passagem para o Templo, e fez isso com grande alegria e satisfação, andando no total durante o mês 600 quilômetros. Outros jovens o imitaram neste sacrifício. Ainda outro rapaz andou com seus sapatos furados na sola durante um mês para doar o dinheiro que gastaria na compra de um novo par de sapatos.

Em uma outra Ala, os jovens dedicaram-se a confecção de pequenos adornos, tais como pulsei-

ras, anéis, brincos, etc., os quais foram vendidos, revertendo os fundos para o Templo.

Em outra classe, as moças preparavam bolos e doces, os quais eram vendidos em algumas atividades semanais da Igreja.

Porém o fato mais destacado deste projeto foi que os jovens continuaram a fazer donativos para o Templo, mesmo depois de encerrado o projeto, o que evidencia que os propósitos mais elevados foram atingidos. Em todas as classes, semanalmente, os jovens continuam a trazer seus cofres com moedas. Muitos destes jovens estão contribuindo regularmente, com quantias fixas.

Simultaneamente ao desafio de angariar fundos para o Templo, foi também incentivado o início da pesquisa genealógica entre os alunos. Durante o mês de setembro foram preparados e enviados para o templo mais de 15 nomes para a realização de ordenanças vicárias pelos mortos.

O total de dinheiro doado por alunos do Seminário e Instituto durante o mês de setembro, somou Cr\$ 2.080,00 o que equivale a três quotas especificadas para uma Ala doar num mês.

